

O CABOCLLO

REDACTORES E PROPRIETARIOS — ATHAYDE JUNIOR E NARCISO ARAUJO

E. DO ESPÍRITO SANTO.

BR. 4211.

ANNO I — N. 2

VILLA DE ITAPEMIRIM, 3 DE NOVEMBRO DE 1901

Redacção: Rua Municipal, N. 57.

ASSIGNATURAS:

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

(-) PAGAMENTO ADIANTADO (-)

(-) Publicação semanal (-)

AVISOS ESPECIAES

NARCISO ARAUJO

— ADVOGADO —

Villa de Itapemirim

DR. JOÃO RICARDO DA COSTA FILHO—Medico.
Aceita chamados a qualquer hora.

ANALYSE E CONFRONTOS

Um nosso artigo programma dissemos: «O problema financeiro e o estado do theouro continuão profundamente eicados e inpenetráveis ao publico. Nada se vê e de nada sabe-se, em tudo seicando supremo e aspiicante mysterio.

Uma tal verdade positivamente é denunciada e comprovada: pelo seguinte facto. O emprestimo José Marcelino, feito com a Banque de Paris e Pays Bas a 12 de Dezembro de 1899, 36 — rha, dias, diz o sr. Moniz em sua mensagem ultima publicada a 19 de Outubro no jornal official, submetti a vossa apreciação (refere-se ao Congresso) com a declaração dos motivos porque o fazia, etc».

Mais claro que isto não podia ser o presidente do Estado. Assim por tanto, já haviam decorrido quasi dous annos (22 mezes) que se tinha feito aquella operação, sem que fosse conhecida do publico e muito menos do proprio congresso estadual, que, por sua vez tambem nunca se lembrou ou cogitou de semelhante assumpto. Que estava occulto o famoso contracto para ignorancia de todos, e o que não padecia duvida deante d'esta declaração: — «Eu não conheço bem, diz o dr. Torquato Moreira em uma carta dirigida ao «O Povo» de 11 de Outubro, o contracto de 1899, mas custumei crer que o dr. José Marcelino, que era naquelle tempo o presidente, tivesse accedido a maliciada clausula em virtude da qual um banco estrangeiro pudesse vir occupar a alandegia estadual».

O caso merece reparos e é grave bastante para não provocar suspeitas com a remessa tardia desses documentos ao congresso, só feita com a presença em sub a amargura dos credores.

O proprio espirito imparcial e justo, deante de um facto dessa ordem e do phenomeno brutal e violento da insolvencia ou bancarrota do Estado, sob o governo Moniz Freire, forçosamente fica a conjecturar um mundo de cousas incriveis sobre a possibilidade de casos identicos, talvez ainda mais espantosos, que, por ventura existam, nos fundos tenebrosos das secretarias governamentais, e que de um momento para outro bem poderão apparecer, subvertendo infernalmente a toma de nossa desgraça, quem sabe! a proposito da exigencia de outros credores.

Mas um tal acontecimento só pode conformar-se ou com governos criminosamente desonestos e fraudulentos, ou então, com a ineptia ou inconsciencia do presidente de então, réo confesso na propria carta dirigida ao «O País», quando diz: «Os representantes do banco exigirão que fosse incluída no contracto uma clausula pela qual fosse elle considerado venendo se o Estado deixasse de satisfazer as responsabilidades do primitivo emprestimo de 700.000 libras e nesse caso o Banco seria indemnizado do adiantamento feito com a arrocadação da agencia de rendas da Capital».

«Eu tinha as mais fundadas esperanças e a convicção mais profunda de que o Estado satisfaria a estas responsabilidades e que nunca se tornaria efectiva esta clausula».

«Certinho, acceita-se», firmado em disposição elegiastica que é isto me autoriza».

Ou ainda, como affirmou da tribuna da Cam-

ra não ter conferido a credores estrangeiros o direito de se embolsarem por si mesmos da receita das agencias de rendas do Estado, mas confessa que deu a receita como garantia («Correio da Manhã 18 de Outubro de 1901»).

Esta analyse e confronto forke-nos suggeridos por uma communicação inserta nas Varias do «Jornal do Commercio» de 18 do passado meez sobre o momentoso assumpto.

Lembra-se alli ao ministro da fazenda, que «não pague essa prestaç. porque seria um paliativo e não curaria o mal do Espirito-Santo. No proximo conpon de Abril o deficit capixaba viria de novo pedir dinheiro».

Em seguida suggere a ideia da União assumir a responsabilidade total do resgate do emprestimo de 1899 para desembaraço-o do de 1894 e termina por este julgamento corroborativo dos nossos conceitos: «Parece-nos pois que a medida mais avisada é resgatar o emprestimo José Marcelino embulhado judicamente por astu» banqueiro que previo a imminente quebra do Espirito-Santo mettido em grandezas».

Feito isto, relictamos agora sobre o seguinte telegramma passado do Rio a 21 de Outubro para o «O Diario Popular», de S. Paulo. «A quem o pagamento de juros da divida do Estado do Espirito-Santo com o banco Paris e Pais Bas está originando contm-errias com caracter desagradavel, entre os elementos politicos. Foi lembrado ao governo e propo-ido de declarar territorio do Espirito-Santo, uma vez que o theouro nacional seja obrigado a satisfazer os compromissos d'aquelle hasta-da».

Vê-se por este telegramma, que a questão parece tomar nova face e tocar-nos muito de perto, porque, a ideia por nos propaganda da União do Espirito-Santo e Minas, no caso de se verificar-se a impossibilidade da subsistencia do Estado federado, nós a fazemos e mantemos dentro dos termos claros e expressos da Constituição de 24 de Fevereiro.

A ideia, porem, de ser elle territorio da União, é inconstitucional, pois este principio, apresentado pela commissão dos 27, cahiu na constituinte, sendo substituido pela vigencia do art. 4. de nosso estatuto base.

Mas, no pimento em que nos achamos, união, com Minas ou territorio da União, contanto que nos livres das garras de ferro da oligarchia que nos explora e empobrece, qualquer das medidas virá como um Maná celeste a nos confortar as forças, tirando de cima desse povo o lixo de tanta demoralisação, de tanto descredito e afflicções.

Em todo o caso a solução constitucional sempre será mais digna e honrosa por ser legal.

Irresponsavel subsidio ainda traz-nos o nosso contracto da Capital Federal, o bello orgão da colonia italiana «La Voce d'Italia», de 28 de outubro.

«Causi ed effetti—Lo sperpero del denaro pubblico, le truffe, l'immoralità, gli scandalli, i debiti contratti e la transcuranza completa di curare gli interessi praticati dal Governi degli Stati, hanno cagionato la liquidazione delle loro renditi, il fallimento in una parola. Infatti tutti gli Stati—con rare eccezioni—s'incontrano in questi de collanti condizioni.

«Lo Stato dello Spirito Santo è giunto a tale posizione, che si è ridotto all'impossibilità di pagare nemmeno l'interesse dei prestiti garantiti sulla riscossione delle renditi.

«Si è visto, per conseguenza, i creditori impossessarsi del Tesoro. Ed è questo il modo di governare? Sono questi i progressi della Repubblica?

«Il Governo nostro, informato di tante miserie, saggiamente ha inviato il console Rizzeto in quello Stato, per tutelare gli interessi dei cittadini ed in pari tempo sospendeva l'emigrazione per questi luoghi. Ed ecco gli effetti!».

Finalmente este estudo comparativo com os dous seguintes telegrammas passados de Paris a Lusitens no «Correio da Manhã» de 25 de Outubro.

PARIS, 24

«Na bolsa corre a noticia de que varios

possuidores de titulos de emprestimo do Estado do Espirito-Santo vão reclamar o pagamento do seu dinheiro do governo do Brazil, por intermedio do sr. Declassé, ministro do exterior.»

PARIS, 21

«Consta que os credores dos estados do Brazil, por motivo do que acaba de succeder com os pertadores de titulos do Estado do Espirito-Santo, pretendem pedir ao congresso Pan-Americano que não permitam aos estados federados contrahir emprestimo sem a necessaria garantia do governo da União».

Como paimo de amostra basta o que ahi vai. Cada um agora que o examine e julgue-nos, deante de epinides e informações de tão diversas procedencias, todas se casando numa harmonia que, dum accordo que esmagas os detedores do poder ou numa sentença que no mesmo tempo é a nossa propria absolvição como patriotas e republicanos.

O CABOCLLO

A 27 do meiz extinto, pelas sete horas da noite, realison-se a festa inaugural do nosso modestissimo semanario. Festa de caracter espiritual, foi ella honrada por creencia concurrencia de illustres senhores da nossa sociedade e de distintos cavalheiros que nos vieram trazer saudações pela nossa entrada na vida jornalística. Depois de excentadas algumas palavras pela banda musical, dirigida pelo habil e distincto professor sr. Antonio Ramos, o nosso companheiro Narciso Araujo fez ao selecto auditorio a apresentação do «O Cabo-cllo».

Seguiram-se logo depois com a palavra os seguintes senhores: Antonio Hartequett que brindou á imprensa, o Sr. Maçonaria: Dr. João Costa Filho, saudando «O Cabo-cllo», elle vantando um brinde ao eminente Mestre Quintino Bezerra, cuja candidatura reccomendou ás pessoas presentes; João Cabo-cllo brindando á memoria do glorioso itapemirense Domingos Martins; Walter Pereira á memoria de Benjamin Constant; Francisco Pinheiro á imprensa e aos redactores, do «O Cabo-cllo»; Joaquim Bahiense do «O Cabo-cllo»; Eusebio Porto, agradecendo, pela banda musical, um orndio á ella levantado pelo nosso companheiro Athayde Junior, Athayde Junior ás eutias memorias do Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca, Narciso Araujo, á Mulher brasileira.

Terminou a festa por palavras de agradecimento aos presentes proferidas pelo nosso companheiro Athayde Junior. Este agradecimento d'aqui, novamente, manifestamos a todas as pessoas presentes que nos disseram tantas e tão generosas palavras de animação.

Como folhetim damos hoje inicio á publicação da Historia do grande Jacques, producção de Meplain e Taill, que extrahimos da Revista de Horticulitura» publicação de Grande merecimento que floresceu na Capital Federal nos annos de 1876 a 1879, devido ao esforço e a tenacidade do competetissimo agronomo, grande republicano e impoluto cidadão que se chamou Frederico de Albuquerque, de quem o ex-empereador foi ter conhecimento em uma das excursões que fez á Europa pelo renome que o aureolara entre os sabios agronomos.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a delectavel e util narrativa que por uma coincidência notavel principia a ser publicado no «O CABOCLLO» no anniversario do fallecimento do illustre brasileiro, occorrido em 1897.

«TRUST» ELEITORAL.

Na sessão de 3 de Outubro, da Camara dos Deputados, o dr. Cincinato Braga, illustre representante de S. Paulo, pronunciou um discurso notavel, no qual, referindo-se á politica dos governadores, descoberta pelo Presidente d'esta Republica infeliz, disse o seguinte: «Esta politica dos governadores, inventada por sua Ex., é uma injuria autocratica arremessada contra o povo brasileiro, desarmado para repellir a l. S. Ex., o sr. Presidente da Republica, no empreho, agora reccidido, de illaquear a boa fé da Nação, enviou ao Congresso Nacional mensagem na qual se insurgiu contra as fraudes e violencias eleitoraes, que estão entoxicando o organismo da Republica.

Ora todos sabem que, infelizmente, essas violencias e fraudes tem sido no Brazil obra exclu-

siva dos governos dos Estados, cujos aquezes destructam os productos do saque politico executado contra as opposições locais. Pois bem. Fazendo partido á sua imagem e semelhança, o Sr. Presidente da Republica foi recrutar seus comparsas nessa procedencia democraticamente suspeita... A corrupção hybrida que S. Ex. organiou á luz d'esse falso criterio, longe de representar um partido politico, não passa de um trust eleitoral para exploração das posições superiores da Federação! Não traduz aspirações populares: é antes uma cooperativa, em syndicato politico, armado para a defesa dos interesses e informações de tão manes de Washington, de Gambetta, de Tiradentes, de Benjamin Constant, politicamente fallando, aquelle agrupamento de tyrannias estaduais não passa, no código das liberdades populares, de um um ajuntamento il-dicito».

DISCURSO PROFERIDO POR ATHAYDE

JUNIOR NA LOJ. CAP. ITAPEMIRINENSE EM 30—5—1901:

R. M. M. L. II.

O art. 1.º de nossa constituição define a m. g. u. a. r. i. a. : — « Uma instituição essencialmente caritativa e philanthropica, philosophica e progressista, tendo por objecto a indagação da verdade, o estudo da moral, e a pratica da solidariedade, trabalhando pelo melhoramento material e pelo aperfeiçoamento intelectual e social da Humanidade. » Declaro que não só pode formular programma mais vasto nem mais profundo.

Praticar a caridade, individual ou collectivamente, certo é exercer na superficie do planeta a nobre facção do humanismo mais elevado, desde a miséria no mais obscuro lar domestico, desde os fornos nos mais remotos campos do batalha, até o pavoroso phenomeno das calamidades publicas.

Indagar da verdade, aperfeiçoar material, moral e intellectualmente a Humanidade, segundo as regras severas do respeito mutuo, segundo o estimulo focente da tolerancia, que é a mais viril, a mais nobre e suggestiva das virtudes modernas, e tudo dentro do absoluta liberdade de consciencia, certo é isso a mais bella e legitima das aspirações, o mais profundo dos ideaes.

A caridade, na accepção mais moral do termo, tem um sentido muito mais vasto e complexo do que o que ordinariamente se lhe attribue. Produto benefico do jogo ponderado do egoismo com o altrismo, a caridade representa um acto moral para a pratica do bem em face da miséria. A miséria, propoñdo no meio a concencia em falta do continencia de vida para perpetuarem-se as subsistencias dos individuos ou dos aggregados, só pode ser combatida por actos humanitarios, quer populares quer governamentais. Assim pois, a importancia do assumpto mediante as premissas estabelecidas pela propria constituição magica, nos leva a formular conceitos de ordem ainda mais comprehensivos e applicaveis ao complicadissimo phenomeno da nossa actual existencia popular e politica.

Seu que necessario seja interrogar a nudez sombria e impenetravel do pisado magico, sem que necessario seja sondar os mysterios seculares dos templos indians decorados por toda a grande Asia, sem inquirir das tremendas iniciações dos egypcios fetras por sol a mole immensa do seus pyramides e suas a no geral gravadas em hieroglyphos não valeres e indecifráveis, sem ouvir a leutana ideal e segreda dos oraculos da Grecia dos heroismos passados e da Roma que foi o assumido estupendo dos povos e do mundo, sem precisar saber o que fôrto e o que fôrto os mactos nos tempos de tantas lutas, de bravias e

de canibais, de miséria e virtudes extraordinárias, posto de lado toda essa vasta tradição, podemos hoje afirmar, com toda segurança, em face da genese e evolução do proprio espirito humano e condições físicas do organismo, que, como o individuo, as sociedades também atravessam crises prementes de miséria e dor, e para as quaes, então, urgentes se tornam recursos e providencias de toda ordem. E como para o individuo a demora ou falta destas tende a levá-lo a desenlaces tragicos e fataes, do mesmo modo para sociedades em identicas condições, quando não são do prompto soccorridas, o mal, tomando proporções violentas e assustadoras, tende a levá-las ou ao tremendo sorvedouro das revoluções ou a serena pressa de povos mais fortes.

Sendo assim, a maçonaria, para nós maçons e repellidos, para nós, filhos de uma patria grande, mas profundamente deprimida, filhos de um Estado inqualificavelmente arruinado na ordem interior de suas actividades, da riqueza particular e publica, a maçonaria, digo, tem nullo ao seu mandato, é essencialmente a sua missão, se, de prompto, dentro da propria esfera das leis maçonicas, não intervier energeticamente no pleito para resistir e prevenir a crise de mais temores das misérias humanas e salvar um povo inteiro golpeado de morte, e que se atarda mergulhado na ruína total de suas proprias instituições proclivias.

Assim expressando-me, faço-o em thase, com o intuito impresso de divulgar doutrina, mesmo porque a questão, sendo unicamente social, deve ser aqui despidida de todo apparato formalistico e detida da preocupação proselitica proprias ao sectarismo religioso e politico, e a qual todavia, é fundamentalmente contrario á idéa e tradições da instituição maçonica.

Para quem, porém, o vê do alto, com a intensidade maxima desse amor da patria movido não de preceito, mas da poesia eterna do incomparavel genio dos Lusitâneos, ha de ver e sentir que, em face do internacionalismo moderno, o Brazil, presa de ha muito cubileta, representa para as nações europeias a China americana.

Vera consideram as tendências espanistas daquelles povos, as lutas gigantes e os terríveis do pauperismo com o capitalismo, as quaes, nestes horos, todavia, estão preparando as bases da politica do futuro por meio do socialismo, basta considerar o mais internacional de guerra em que vivem esses povos, para ver-se a quantos perigos estavam expostos, principalmente considerando-se a precaria situação economica da Republica, essencialmente agravada ainda com a situação de Estados como o Peru, em que a população sem industria, sem instrução, sem capitães, sem credito, já sente fôro, vergada ao peso

insólito de dividas suspeitas e colossaes, vindo estancor-se, por assim dizer, nas suas fontes o proprio espirito da caridade com a desgraça geral.

Si, pois, a maçonaria pratica o bem para combater o mal, se procura a verdade para combater o erro e a mentira, si propõe-se a trabalhar pelo melhoramento material e moral da Humanidade, se esse é o codigo sagrado de seus propositos, se esse o seu principal objectivo, forçoso, então, é convir que ella é uma instituição social e democratica e como tal é uma instituição democratica no sentido inteiro da palavra. Não preciso aqui lembrar os serviços innumeros por ella prestados no grande movimento da abolição da escravidão em nossa patria, nem tão pouco a intervenção decisiva e eficaz que tomou, para que se consummasse o 15 de Novembro de 89, e com elle, dando-nos a Republica, se expulsasse do solo americano o carcomido diabo dos Bragancas.

Do mesmo modo também é preciso, é urgente que ella hoje concorra para que sejam expulsos do solo brasileiro os D. Maximos Santos que o desonroam com a depredação dos dinheiros publicos, levando a vergonha e o infortunio ao solo virgem e fecundo de toda a nação.

Anteção das muito tristes para nossa patria, lá prosinto mesmo o pavoresco ostracismo do arcebispo da miséria e do fôro penetrando no lar da familia espirito-santense! Passam-me pelo espirito lampejos sinistros da idéa de um possível amigalhamento da Republica e de um fatal esphaceamento do colosso americano, impotente diante de futuro tão tenebroso.

Não é só ao jesuita ou ao homem de corôa a quem o maçon deva combater, bem como não será só ao indigente a quem deva elle dar o obolo de caridade. O mal e o vicio tanto podem existir debaixo da batina como debaixo da casaca. Digo mais, considerado o homem, quer physiologicamente quer psychologicamente, a intervenção perturbadora da batina no dominio do espirito e das crenças populares no mundo moderno e especialmente americano, em que os povos, por natureza egualitarios, carelham para uma maior emancipação de toda crença atizada e se mostram mais ou menos apparelhados para resistirem ás mais ferozes superstições do velho mundo, as perversões da batina, não obstante devem ser combatidas atodo transe, e sem saugirar muito menos prejuizos, que a intervenção perturbadora e inepta do leigo quando mal proceda no governo dos povos e o qual dissipando a fortuna publica e sacrificando a justiça, leva-os á penuria, á miséria.

No primeiro caso os males affectados directamente á ordem espirital; no segundo, porém, affectando a ordem material das economias do individuo e do aggregado humano, tendem a pôr em

perigo sua propria subsistencia e integridade, pelo desbarato da riqueza, pela eliminação de toda nutrição e bem-estar social.

Sem alimentação a vida é impossivel e não ha cerebro que funcione normalmente.

Sem alimentação a familia corre o risco de ver romperem-se os laços indissolaveis que a formão, a prole fica comprometida e as sociedades nesse instante estreamecem nos seus fundamentos.

Isto mostra na sua alta plenitude a importancia do assumpto e a respeito do qual a historia humana é uma evidencia inteira.

E que o imperio das necessidades physiologicas, em qualidade e intensidade, subjugua e domina a todo nosso funcionamento psychico. No meio social como o nosso, em que aquellas preponderam tão violentamente, é sobre ellas que devemos fixar toda attenção.

Do exposto, forçosamente infere-se que digno e multiplo no dominio social não deve ser a nobre missão da maçonaria, e que, assim como deve dar combate ao espirito de seita, sempre ferrenho, formalista, fanatico e absorvente, assim como deve arrancar o individuo da indigência e da ignorancia, com mais forte razão deve combater e repeller a todo aquelle que mal procede na gestão dos governos, que mal desempenha qualquer função popular, que mal administra a fortuna publica e que joga a sorte de um povo na voragem turbida e torva de compromissos insolaveis, creando para todos o phenomeno estuendo da miséria geral.

Sem dúvida, o momento que atravessamos, tanto para o patriota como para o verdadeiro maçon, exige de todos muita calma e profunda reflexão. Mas, a maçonaria que é uma força social, que opera como factor preponderante e quasi invisivel no destino dos povos, bem pode concorrer para obstar á canal ingente de perigos maiores, bem pode intervir para que se não consumme o mais nefando dos crimes no meio justamente do povo onde vive e floresce.

Que sirvam, a todo maçon de aviso e de estímulos estas palavras, que seão a alva sublime do codigo do nossos affectos, que seão a provisão constante e profunda de um patriotismo que nos eleve acima das vulgaridades da vida e, ao mesmo tempo, que seão o convite amigo e sincero, obscuramente feito, aos poderosos tiranos que hoje dignamente se empossam na direcção da nossa Aug. L., para nos conduzirem a salvamento através do roteiro sombrio e incerto do futuro, esse, para todos, sempre novo deserto tenebroso. . . .

O Caboclo não devolvido, assignatura aceita.

ulo vale mais que os anteriores: de um lado as revoluções politicas reparaão muitas injustiças, e eleváo a condição dos lavradores, antigamente mais dignos de commiserção que de inveja; de outro lado os sabios, cujos trabalhos abstractos não devem ser desdenhados, derão á agricultura uma série de descobertas, cuja importancia augmenta cada dia, dando-lhes ao mesmo tempo methodos e instrumentos de uma força irresistivel. Tudo permite augurar bem do futuro. Mas é lentamente que o progresso se levanta se espalha pela superficie de um paiz: elle se assemella aos primrose da montanha, que ao principio só allumina os pincaes das mais altas montanhas, para descerem ao depois ás planicies e aos vales.

Eng. Liebert.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

O GRANDE JACQUES

Havia alguns annos que em todas as feiras de um cantão, que é mui nomear, em en-

CONSORCIO

Conseleciaram-se a 30 do passado, nesta Villa, o sr. Vespasiano Paiva, e ministro da Moza do Rendas, e a senhora Dinorah Santos, filha do sr. Talma Gomes dos Santos.

O acto civil e religioso effectuaram-se em casa dos pais da noiva.

Nossos sinceros parabens.

Vindo da Victoria, acha-se nesta Villa, o dr. José Moreira Gomes, deputado ao Congresso Estadual. Em sua companhia, chegou tambem sua Exma. familia.

NOTICIAS MARITIMAS

O paquete «Merury» da Empresa de Navegação Rio de Janeiro sahi d'esto porto em 31 do p. p. para o Rio de Janeiro conduzindo 500 saccos de café.

O paquete «Maquy» da mesma Empresa sahi do Rio de Janeiro a 5 para a Ilha Grande e estará n'este porto a 7 com viagem até Caravelas.

Em 31 do p. p. entrou neste porto o Pelhabeto «Maricota» do S. J. da Barra, vindo do norte do Estado.

O Caboclo não devolvido, assignatura aceita.

Tem estado enfermo, na Barra do Itaipemirim, o sr. Cesar da Silva Lima, negociante d'estapaga.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

FALLECIMENTO

Falleceu, nesta Villa, tendo sido sepultada a 31 do passado, a innocente Odette, filha do sr. Francisco da Silva Lima, negociante nesta praça. Aos desolados pais da malograda creança apresentamos os nossos sentimentos de pesar.

O Caboclo não devolvido, assignatura aceita.

Estiveram nesta Villa, do passagem, os dres. Pio Ramos, deputado ao Congresso Estadual, e Manoel Monjardim, inspector de hygiene d'este Estado.

Seguiram viagem para o Cachoeiro.

CASA BRAZILEIRA de Jacques de Lima Sazas, com ottimo sortimento de fazendas, calçado, armarinho, mihados, mantimentos, e mais artigos commerciaes de primeira ordem. Preço muito módico.

Rua Municipal, 58.

FOLHETIM

HISTORIA DO GRANDE JACQUES

PRÉFACIO

A *História do Grande Jacques* não precisa de uma introdução, apenas queremos fazer uma reflexão.

Vivemos em um tempo em que a terra é ingrata para aquelles que a cultivão pelos antigos methodos.

Para acudir ás necessidades que augmentão, é preciso produzir mais e melhor do que antigamente. Desta necessidade imperiosa resulta um duplo dever, não apenas imperioso: para uns o dever de ensinar, para outros o dever de aprender.

Poucos, porém, seão os fructos da instrução, se os camponezes não tiverem com ella firme de se conformarem com ella. Elles conservão ainda muitos prejuizos contra

a sciencia; parecem comprazer-se na velha trilha que muitas gerações traçãro, ou pelo menos fogem ao pequeno trabalho que é preciso ter para chegar á estrada larga. E' por isso que, enquanto o resto do paiz marcha rapidamente pelas novas vias que a civilização tem aberto, a maior parte dos lavradores conserva-se na retaguarda, como a bagagem de um exercito. Mas, corajem! que nella está a salvação. E' preciso abrir os olhos, e aproveitar todas as occasiões de aprender que nos apparecerem. E' preciso trazer dos congresos e das exposições agricolas a nossa provisão de notas e de observações. E' preciso procurar, sempre que for possivel, os cursos, as conferencias, e até as conversações com os homens instruidos. E' preciso cessar de oppôr a teimosia da coqueira á todas as innovações recommendadas pela sabedoria. E' sobretudo preciso vencer a nossa repugnancia pelo jornal e pelo livro, que deverão ter os seus logares marcados em cada uma de nossas casas, como elles o têm na Belgica, na Suica, na Allemânia, na Inglaterra e nos Estados-Unidos. E' quanto queríamos dizer. Mas não perdemos a esperança, nem plangimos a perdemos. Porque, apesar de tudo, o nosso se-

DOIS PADROEIROS

Acabando de ler artigos concernentes à angustia e vergonha sangra a que foi arrastado, tão rápido, este Estado, em dias republicanos, permito-me a meditar sobre os destinos desta mal aventurada parcella do Brasil federal.

A meditação nos foi levando o espírito, num longo recuo, por dentro da história patria, até debruçar-se, num respeito solenne, a bordo do tumulo de um immortal.

Um dia, a terra espírita-santense, patria de um heros, columnas ao justo orgulho que inda hoje vive, e, em nossos corações, quando diz o espirito, foi pela eracção nativista, na das subidas da revolução pernambucana, foi um ideal que arde, entre infinitos entusiasmos, por um Brasil livre e democrático.

A vingança rívida e assassina dos victoriosos, si o prestou, logo, como o castigo hediondo e covarde, não pôde impedir que a asa, que lhe ruíra no cranio, nomeando dos punidores, lhe levasse o nome, num grande vôo pelos infinitos da historia, perpetuando-o.

Esse nome, que vale bem um patrimonio, começou a phantasear á hora da execução exarada do homem que o trouxe, vivo, e o glorioso, morrendo.

Inextinguivelmente, através das gerações que se tem succedido, através das que se succederão, elle passa, e vai crescendo, como um intenso clarão, elle cresce, e se vai amplificando cada vez mais pelo immenso do tempo que é o patrimonio do seu deslombamento.

Esperito-Santense humilde e feroz, cuja alma palpitava grandes anseios pela liberdade, em cujo cerebro a agulha atrevida de um ideal barba-lava as forças suas, elle atravessou do sonho demoralizado para o combate, do combate para o sacrificio, do sacrificio para a morte, da morte para a immortalidade.

E, assim, o Espírito Santo, pelo grande nome de um martyr, um dos Estados que representam respo-sabilidades na corrente evolutiva da idá a republicana, no Brasil.

Agora, pois, deviam existir, magnificamente, num deslombado nro continuo, os principios republicanos, os adiantamentos em que a forma politica, ferida, se desentranha, as aspirações que ella estimula, os clarões com que ella cerca os direitos do povo, as virtudes da governação, a publicidade dos actos administrativos, o respeito ás opiniões pela liberdade eleitoral, a limitação dos poderes, as innumeras belezas e prosperidades que o regimen é capaz de proporcionar.

O padroeiro dos principios liberais, enfeixados nessa fé politica, que impõe uma grave responsabilidade, é, dentro do Estado, para nós, seus filhos, o immortal Domingos Martins—estrellado nome que os espirito-santenses abraçam e apo-theosam.

E o espirito, que recuára até a data remota, voltou, meditativo, para se affligir nas vergonhas do presente.

sobre o prego de algum animal, vinhão ter com elle para decidi-lo, e, uma vez dada a sua opinião, o que só fazia ao de, ás de bem examinar e apalpar o animal, cada um parecia ficar satisfeito. Conclui dahi que confiamos tanto em seus conhecimentos como em sua honestidade. Tudo isso deu-se deso-sus de tratar relações com elle. Para o consequente o que achou de melhor foi comprar-lhe um touro da mesma raça do seu boi. Tratado o prego, e entregue o animal, com o pretexto de aprender a sua maneira de criar os bozinhos, e de pensar o gado, pedilhe que, quando acabasse os seus negócios, me procurasse na cidade para fazermos juntos. O meu convite o adimor, mas bem depressa travamos á mesa mais amplo conhecimento. Quando o comprimentei pelo excellento estado do gado que levava da fazenda, elle respondeu-me, sacudindo com a cabeça:

— Ah! ah! isso não vem por si! Que-rin que viscoso o cunhado que trêz com essas grandes vadios! sem comparação, é maior do que o que tenho com a minha gente; a sua soja é sempre servida primeiro que a nossa... Mas o que vale é que elles não são ingratos; como vedes, engordam com vontade, e a bolsa do caseiro, como a do patrão, se vai enchendo.

(Continua)

Porque nunca se correspondeu a uma responsabilidade tão mal, tão indevida e desastrosamente como chefe d'este Estado, na plenitude dos dias republicanos, tem correspondido á que lhe foi imposta.

A virtude da temporariedade, no regimen, elle tentou oppôr o crime da vitalidade, mendicando, pretendendo, por uma realiação, mexear o Estado.

A virtude da publicidade, essencial á organização vigente, elle sempre oppoz a occultação, o segredo, o mysterio de actos importantes da administração.

A virtude da liberdade do voto elle tem opposto a fraude mais desenfreada e multifaria que se pôde imaginar, organizado, dentro do Estado, um verdadeiro *electoral*, para nos servir, mas de uma expresso felle do dr. Cinthiano Braga.

E, consequentemente, pelo afastamento systemático das opposições, prohibidas da collaboração negociada, publicos, impoz a unanimidade estragada que não importuna com o exercicio da fiscalização.

A limitação dos poderes, elle tem opposto a ingerencia dos seus bons officios nas diversas espheras em que se discrimina o organismo constitucional.

A obrigação de velar pela sorte do povo, elle oppoz a validade estéril de conhecer os *desastres*, á custa dos cotes estaduais, como um *passatempo*, o maior que o Estado tem tido, durante tres folgados annos, quando dentro do Estado, o lavrador não estava longe de receber, á sua porta, a visita da Mosera.

As exigencias que fazemos para que nos mostre os pro, reses que ao povo proporcionaram nomes de administração, e chiefa politica, elle responde apenas, apontando—que irrita!— para um theatro de madeira, melhoramento sem valor, voluntario, para um *quartel*, edificado num pantano, e para uns kilometros da famosissima Sul do Espírito-Santo, representando tudo em mes despesas a que elle debalde se estorça por imprimir caracter reproductivo.

A prudencia em conduzir o credito do Estado, elle responde com uma sinecureção por força maior, de credor á porta do thesouro, e corre para a União exangue, a pedir dinheiro que, das ás nasas miseraveis condições, talvez não possa restituir.

O padroeiro dessa desorganização, dessa politica, que arrasta o credito do Estado ao mais publico dos opprobrios, é o sr. dr. Moniz Freire—nome de certo, que um povo expoliado e aviltado não pôde abençoar nem acclamar; nome symbolico da nossa desgraça.

E preciso que, lá, fora, saibam, ao certo, quem é o culpado da suprema desventura em que nos debatemos, afflicto, envergonhado, envidado; é preciso que saibam os mysterios desta China espirito-santense, muralhada até hoje por esse oligarchia.

E o sr. dr. Moniz Freire, nome contra o qual já se levanta o grito da desaffronta popular, a condemnatória flamejante de uma população shylokianamente tribetada e ludibriada.

Depois que muito tem feito soffrer o povo, ha de ouvir-lhe a cohera legitima, e de ouvir forte, clamante, punidora, inextinguivel, a voz insustentavel soberana do povo, desesperado de soffrimentos, estorcendo-se aos annos atrazadores da dâ de amaldiçoado.

Transcrevemos, pedindo permisso, do nosso illustre collega «Commercio do Espírito Santo», da Victoria, o seguinte: «Tambem o «Diario da Bahia», publicou no seu serviço telegraphico de 15 do corrente o seguinte:

FINANÇAS DO ESPIRITO-SANTO—OPINIÕES DO MINISTRO DA FAZENDA

Um redactor d'«A Tribuna» interviewou o dr. Joaquim Murinho, ministro da Fazenda, acerca da situação financeira do Estado do Espírito Santo.

O dr. Joaquim Murinho relembra que o presidente do referido Estado, o dr. Moniz Freire, solicitou do governo Federal um empréstimo afim de satisfazer o pagamento da divida do Estado, em situação bastante critica.

O sr. Campos Salles, estudando com elle (ministro da Fazenda) a questão, resolveu não attender á solicitação do dr. Moniz Freire afim de evitar o preceden-

to que obrigaria o governo a socorrer outros estados em identicas condições, caso existissem.

O governo federal, disse o dr. Murinho, fez o que devia fazer, reduzindo á metade as prestações do estado em questão, pois elevando o cambio obtiveram para os devedores nacionaes na exterioria redução de 50%.

Com o cambio a 9 os compromissos do estado augmentariam 100%.

Disse ainda o ministro da Fazenda que o Banco da Republica emprestou ao estado 1500 contos com garantia do sua renda e que, este deixou dois mezes sem fazer o pagamento estipulado.

Pensa que o governo nada pôde fazer na difficil emergencia porque passa o Estado do Espírito Santo, entendendo que o congresso deve providenciar no sentido dos estados não contrahirem empréstimos externos.

Esta medida, termina o ministro da Fazenda, evitára surpresas desagradaveis.

Ainda do mesmo illustre collega, em seu n.º 23 do passado, transcrevemos do terceiro artigo da serie, *As nossas finanças*—um trecho, gryptando as palavras—masa autonómia do Estado, talvez, não se sustente. E' este o trecho:

Desoçoneamos por este lado a recebedoria não iri ás mãos do Banco de Paris; mas a autonómia do Estado, talvez, não se sustente, e isto, por causa do uma clausula do contracto de 99, que deu para a clausula a quem o fez, e para ataques aos que não eram governo e que *deixam ser executados do nosso seio como *Swing* da Republica e responsaveis pela desgraça do povo espirito-santense.*

Ultimo periodo que já está em gryptophos nas columnas do «Commercio» da nossa medida exacta da nuncia assés decontada *tolerancia* desta politica que nos infelicitia.

QUINTINO BOCAIYUVA

Por telegramma sabemos que o illustre deputado á Assembleia do Estado do Rio, dr. Azevedo Cruz, tem feito conferencias politicas neste Estado, proclamando a candidatura do glorioso democrata Quintino Bocaiyva á presidencia da Republica. A impressão magnifica, que estas conferencias têm produzido, vai concorrer muito para que no proximo pleito o grande nome seja victoriosamente suado neste Estado.

E nista está devêr-se empenhado o «O CABO CLO» que já começou a cumprir o seu dever levantando essa candidatura.

Espírito Santo e Minas

REPLICA NECESSARIA

(Continuação)

Pelo exposto vê-se que não só applaudi, mas muito directamente concorre para que fosse digno de alta administração do Estado o sr. dr. Moniz.

E o fia convictamente, então, inspirado na confiança, na competencia, no patriotismo e especialmente na honestidade desse honra publico.

Mas isso de forma alguma autorisava a ser pedulario com o ditcheiro do povo, a esbanjar o a mãos cheias, a cavar fundo o abismo da insolvabilidade do Estado com empenhamentos e negociações ruinosas, a insinuir, normalizando, a fraude eleitoral como garantia da fraude administrativa, a ir a Europa, como funcionário publico e de lá vir sem que até hoje tenha da contas dessa missão, o que sobre modo inquina-o de desonesto, etc. etc.

De forma alguma meus applausos autorisavão o abuso e o crime e estou no direito, após um interregno ao um ostracismo de quasi cinco annos, de pedir contas sobre uma cousa de que também considero-me *reus*, embora ausente, e de agitar elementos contra uma politica e administração, reputadas, hoje, nefandas para o povo e para a Republica.

Por ventura, será por assim proceder que injuriarosamente sou qualificado de *degenerado, traidor, incoherente, carrasco, odiado, calumniador, abysista, covarde*, etc., e justamente dito isto por quem muda de opinião como qualquer mortal muda de camisa! Que nojo ou que asco não produzia hoje ao proprio Dr. Moniz as zumbadas jo-

gralescas e imbecis do *ex-redactor do Antonio, mitta!*

Ou *crê ou morre*, eis a divisa official, atterrador, dos que nos governam, dessa oligarchia de republicanos-caricatos, cuja suprema ventura é o gozo das posições e do mando, pouco se importando com a sorte do povo, com a situação extrema e dolorosa das classes produtoras.

Basta-lhes, como ventura unica, que estas applaudidas administrações, citadas que eliminem os que paguem, e não bufem, os impostos taxados ou mesmo cobrados contra a lei, para, ao ver dessa gente, estar-se no melhor dos mundos.

Vejamos agora a *polencia critica* do deputado José Monardim, nas poucas vezes que tentou investir, analisar ou esmagar a *poia politica* em questão. Facil e vel-o envolvido n'uma deplo-ravel e invencivel petição de principios, discutindo a questão pela questão, logica que repugna a qualquer preparatorio.

No manifesto condemnando-se disposições governamentais restrictivas da *risão geral* no Estado, No entanto diz-nos o deputado:—«Ninguém, de boa fé, poderá contestar que seja mais importante e mais indispensavel para o desenvolvimento do Estado qualquer outro melhoramento si não a *risão geral*».

Isto ou é uma grossa capadoçagem ou então, para ter sido escripto com sinceridade, o homem foi obrigado a engullir o decreto, que por ali anda a prohibir qualquer construção de vias-ferreas para os portos do Sul. Anão por uma semelhante resposta, passa elle a oppôr ao que se disse no manifesto sobre a *Sul do Espírito Santo*, justamente aquillo mesmo que se combatte, as idéas e o programma do actual presidente, um misto de insinceridade, de extravagancia e de erros, com o qual pensa ter espatulado esse irresponsavel documento politico. Tho insincero e tão vaidoso é esse estadista, *hori figur*, que enganando a amigos e ao publico em geral, dentro e fora do Estado, animou-se a levantar mensagens ao congresso estadual em 91 a affirmação solenne de dar por terminada a construção dessa estrada dentro de *trez annos*, sem tomar as proprias variações do mercado.

Essa affirmação, que precisamente define as tendencias de um espirito vaidoso de si proprio foi justamente o que levou-o, não pelo amor-ficero a esta terra e aos seus coetaneos, mas pela gloria facil de successos precviamente reputados impossiveis e fallazes, a comprometter o Estado nessa indecensavel transação da 1.700,000 cousa que qualquer outro administrador, por ventura mais sobrio e honesto, mais cauteloso e patriota, absolutamente não teria feito.

(Continua)

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Sobre o caso d'este Estado, hoje tão conhecido de todos, n'ão ultrajante para a nossa reputação politica—financeira, transcrevemos abaixo um artigo do illustre escriptor que se assigna Gil Vidal, em uma secção do glorioso «Correio da Manhã»:

«O CASO DO ESPIRITO SANTO»

Assignados já foram os perigos a que se expunha a União com os empréstimos contractados pelos Estados no estrangeiro, pois ella é que tem a final que responder pelo cumprimento das obrigações contrahidas. Si a respeito houver qualquer reclamação dos governos estrangeiros, o que é bem possivel, a é provavel, pela tendencia constante das nações poderosas para abusar dos seus forcas contra as fracas, não será dirigida aos Estados, que não são pessoas juridicas do ordem internacional.

Os governos estrangeiros, em suas relações com o Brazil, só conhecem o governo federal, que se não pode eximir da responsabilidade pelos actos dos governos dos Estados, invocando a autonómia que lhes conferiu a Constituição da Republica. As reclamações só podem ser discutidas e resolvidas de nação a nação, de poder soberano a poder soberano.

Portanto, no caso do Espírito Santo com *La Banque de Paris et Pays Bas*, se apparecer qualquer reclamação diplomatica, o go-

O Cabocelo

ACCEITAM-SE PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS, aquellas ao preço de 200 réis por linha, e estes pelo que na occasião for convenicionado.

Encarrega-se tambem da publicação de jornaes de pequeno formato, folhetos e mais serviços attinentes á arte por preços modicos.

Os pedidos deverão ser dirigidos para a redacção, á Rua Municipal, nº. 57, n'esta VILLA DE ITAPEMIRIM.

TERRAS Para vender

Moncel da Costa Pinto, negociante no BREJO DOS PATOS DE ITAPEMIRIM, vende diversos terrenos que possui, regulando de 3 a 15 alqueires;

UNS COM CASA E BEMFEITORIAS, OUTROS SEM ELLAS

Sito dos todos no

BREJO DOS PATOS

e no logar RIO MUQUY

AFFONSO GAZANI

COM LOJA DE ALFAIATE

Rua Municipal—Villa de Itapemirim

PISA & IRMÃO

Com negocio de fazendas, chapéos, calçados, armario, ferragens, louça e molhados, casa fundada em 1885.

A Rua Municipal n. 51—Villa de Itapemirim.

TRAPICHE COMMERCIO

BARRA D'ITAPEMIRIM

Daumas, Moraes & C., agentes commerciaes, recebem á consignação, cafés e outros generos do paiz. E em sua Usina pila café pelo modico prego de 400 rs. por 15 kilos.

verno federal é que terá de com ella haver-se.

Mas, mesmo no caso em que não appareçam reclamações, porque o governo francez cede, e muito mais razao, de accordo com os principios de justiça internacional, que o caso não justifica a sua intervenção, porque os credores si confessam mal e seu dinheiro que accarretou com as empenhagens, sobre a União virão afinal recair ainda outros funestos resultados d'essa operação desastrosa.

O banco credor, julga ser hoje direito seu a cobrança do pagamento de juros, por considerá-lo implicitamente contra a garantia da operação, em que se esgotou o serviço do pagamento de juros e de amortização fosse feito com aquellas rendas.

Ora, si o Estado tiver que ceder, ou porque seja esse o seu interesse, ou forçado por sentença que interprete a supra referida clausula do contracto, nos termos em que a interpreta o credor, a União, o governo federal, não pode consentir que estrangeiros venham exercer no territorio da Republica, ainda que por delegação ou por força de sentença dos seus tribunales, actos de soberania, como a arrecadação de impostos, que presuppõe obediencia aos agentes arrecadadores, e, portanto, sujeição de brasileiros a estrangeiros.

Acresce, que no exterior não se faz distincção entre o credito dos Estados e o credito da União, e nem se conhecem as particularidades do nosso direito publico interno, para se comprehender que os Estados possam contrahir empréstimos externos sem a responsabilidade do governo federal, que para o estrangeiro é o unico governo brasileiro. O descredito dos empréstimos, estaduais se estendem aos empréstimos nacionaes, e foi justamente por isto que, suspenso o pagamento do empréstimo do Espirito Santo, todos os títulos brasileiros desvalorizaram-se immediatamente nas praças de Paris e Londres, chegando a uma baixa média de tres pontos em menos de uma quinzena. Assim a União, interessada em manter o seu credito, forçosamente tem que prover ao pagamento dos credores do Espirito Santo.

Consequentemente, não pôde o Congresso deixar de votar o projecto dos deputados espirito-santenses, autorizando o governo da União a realizar a necessaria operação de credito até a somma de dois mil contos, afim de saldar a divida do Estado do Espirito Santo para com a Banque de Paris et des Pays Bas. O governo não pôde ficar sem essa autorização.

Mas, o Espirito Santo não é o unico Estado com empréstimo externo; outros muitos o têm e vão lutando com as mesmas difficuldades para satisfazer-lhes os encargos. Ainda ha pouco o de Minas Geraes teve que sujeitar-se á onerosa para satisfazer a prestação ultimamente vencida do seu debito no exterior, quasi tres vezes maior do que a sua renda bruta annual. Até onde irão os sacrificios da União? Onde vai esta encontrar recursos, para socorrer todos os Estados que, pela improvidencia dos seus governos, por mal administrados, por abusarem do seu credito, se deixarem parar nas tristes condições do Estado do Espirito Santo?

Verdade é que a politica financeira da União concorre grandemente para a deploravel situação dos Estados. Mas isto, si pôde attenuar responsabilidades, não modifica o perigo a que se expõe a Republica, continuando os Estados com facilidades tão amplas que os autorizem a fazer operações que prejudicem o credito da nação e ameacem a sua soberania.

Tudo que mostrando que urge rever a Constituição de 24 de Fevereiro. Para conservá-la, sempre reformada, e nos feticistas, que a querem intangível, repitamos o que dizia o barão de Cotegipe, em 1871, a correligionarios seus, que invocavam contra a reforma da eleição directa, o phantasma dos textos constitucionaes: «A Constituição reformar-se; essa especie de adoração de alguém ha de precipitá-la no abysmo, quando ella clara e salubremente vos está bradando: sou obra do homem e perfectivel».

CH. VIDAL

SECÇÃO AGRICOLA

PELA AGRICULTURA

Ha mais de sessenta annos que homens eminentes do nosso paiz lutam em prol da cultura racional do nosso solo, entretanto, a despeito do valor moral e competencia d'elles, quasi não ha, em todo o nosso passado de colônia e hoje,

solução da continuidade: como então, são empregados os mesmos methodos rotineiros de cultura, sempre o mesmo labutar pesado e monotono, executado sem amor e sem arte!

E' certo que a falta de instrução da grande maioria dos nossos lavradores aliada a outras causas não menos ponderosas, têm contribuido poderosamente para a não appriciação dos processos racionais de cultura dos campos; mais, tambem, somos forçados a confessar que, mesmo o nosso lavrador que não é analfabeto, é systematicamente avesso ao estudo do que lhe interessa e inimigo acerrimo, por isso, do que do alto das suas tamancas chama desdenhosamente — a theoria!

Combater esse preconceito é, por certo, a obra mais patriótica na qual todos nós devemos empregar ingentes esforços, porque do desenvolvimento da agricultura e do seu aperfeiçoamento dependem a riqueza e engrandecimento da Patria.

A imprensa quasi na totalidade, que tem as suas tendas nas pequenas localidades, centro de zonas agricolas, nesto particular nada tem feito; tem preferido cuidar d'aquillo a que imprópriamente designa pelo nome de politica, e de questões de campanario; deixando, pois si, em lugar de um sulco profundo de ensinamentos, uma esteira de odios e resentimentos.

Existem, na verdade, jornaes exclusivamente dedicados á agricultura, e isso pode servir de desculpa para essa incuria; mas, a verdade é que o seu numero é tão diminuto (dois somente em todo o paiz á excepção da «A Lavoura», organ da patriótica Sociedade Nacional da Agricultura), que a quasi totalidade dos agricultores os não conhece.

De mais vai nisso até o interesse industrial do jornal: como pôde elle pretender subsistir em um meio em que a principal industria, a falta de methodos racionais, é tão mesquinha, que mal dá para alimentar o que d'elle se occupa?

«O Cabocelo» quer trilhar vereda diversa, quer, porém, fazel-o do modo que se attinja a um resultado pratico; assim, esta secção será para os assumptos que directa e exclusivamente interessam a lavoura, para a divulgação do tudo quanto contribua para o seu aperfeiçoamento e prosperidade.

Seria tarefa muito superior as nossas forças se tivéssemos a pretensão de querer fazer sciencia, portanto, o nosso trabalho não passará de uma compilação conscienciosa, contribuição modesta de quem amando a Patria e a Agricultura, deseja servir esta para o engrandecimento d'aquella.

GASPARI.

PARTE COMMERCIAL

MERCADO DE CAFÉ

Stock até 25 de Outubro 642,392 saccos
em Santos a 25 de Outubro 1,401,470
O mercado de Nova York sustentado com alta de 5 pontos nas opções.
O mercado do Rio fechou a 26 com os seguintes preços:
Tipo 6 por 15 kilos 85200 a 85500
" 7 " " 78800 " 80000
" 8 " " 78500 " 78700
" 9 " " 78200 " 78400
" 10 " " 69900 " 78100
Excelencia " " 58800 " 69500
Pauta semanal, por kilo 8480

GAMBIO

Fechou a 26 de outubro a 11 1316 e 11 718 3.
O valor official de 18000 foi de 415 réis ouro.

VAPORES

De São:
Mayrink a 5;
Muquy a 4;
Do Norte:
União a 6;
Hiate Catita a 6.

O CABOCLLO

REDACTORES E PROPRIETARIOS — ATHAYDE JUNIOR E NARCISO ARAUJO

E DO ESPÍRITO SANTO.

BRASIL.

ANNO I — N. 3

VILLA DE ITAPEMIRIM, 10 DE NOVEBRO DE 1901

Redacção: Rua Municipal, N. 57.

ASSIGNATURAS:

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

(-) PAGAMENTO ADIANTADO (-)

«— Publicação semanal —»

AVISOS ESPECIAES

NARCISO ARAUJO

— ADVOGADO —

Villa de Itapemirim

Dr. JOÃO RICARDO DA COSTA FILHO—Me-
dico. Aceita chamados a qualquer hora.

A REVISÃO

Quando em 24 de Fevereiro de 1891, uma Constituição compendiava, para a vida política nacional, os princípios fundamentais da República federativa, não era de supor que, no pequeno lapso de tempo até hoje decorrido, se fizesse sentir, com tanta instância, a necessidade de uma reforma da Lex Legum.

Entretanto, mal nove annos se escoraram depois da promulgação do nosso Estatuto primacial, uma intelligencia poderosa, a que representa a culminância do pensamento brasileiro, começou a agitar, pela imprensa, a campanha da revisão.

O grande Ruy Barbosa, cuja quota de responsabilidade na organização republicana é das mais consideráveis, sinão a mais considerável, veiu depressa, com a extraordinária irradiação do seu genio, pleitear a reforma da Constituição.

Depois desta primeira avançada, tantos successos e tão desagraváveis se foram desdobrando aos olhos dos que acompanhavam o movimento politico nacional, que aquelle primeiro clamor clamorante outros surgiram, respondendo, solidários, de modo a constituir, hoje, a reforma constitucional uma necessidade imprescindível.

Indubitavelmente, a sua prompta aprovação e immediata execução estão, no momento vigente, subordinadas a segurança, a veracidade, a inteireza, a salvação do regimen que a autora de 15 de Novembro inaugurou, no Brasil.

Assim pensamos, com a mais plena das convicções, seriamente ansiosos por uma organização mais garantidora da vida republicana do paiz, e foi por pensarmos assim que, apresentando-nos ao publico espirito-santense, desde logo, em nosso programma, incluímos a idea revisionista.

E que a natureza da forma federativa foi inteiramente desvirtuada na sua applicação ao Brasil.

Desprezou-se repentinamente, todo um longo passado historico; foram esquecidas as nossas peculiares condições existenciaes; os espiritos, sedentos do novo, ajustaram ao meio patrio um figurino politico que fazia a prosperidade de outro meio, mas cegamente o fixaram, sem attendere as diferenças que os tornam inconfundíveis; não acatarem as correntes da tradição; deslenharam os nossos elementos consuetudinarios, equipararam, em summa, o Brasil aos Estados Unidos da America do Norte.

As iras contra a extrema centralização monarchica transmutaram-se, pela victoria, em exageros atóxicos pela descentralização.

Houve até um dos proceres da propaganda republicana, o sr. Campos Salles, que chegou, extravagando, a preconizar para a Patria o principio da multiplicidade das soberanias, doutrina perniciosissima, em contraste profundo com a marcha evolutiva do paiz, erro nefasto que, felizmente, o preclarissimo dr. José Hygino golpeou, no debate, com uma profunda e rara dialectica.

Não se cogitou, no momento victorioso, de que o empenho, sempre crescente, para a aclimação de uma nova forma, deve ser o de chegar ao periodo em que uma Constituição realmente constitucional: quando

faz corpo com o espirito popular, passou aos costumes, funciona sem attritos, » como sensatamente escrevem, si nos não enganarmos, o sr. Meirelles e Albuquerque.

Apenas tratou-se de transplantar o modelo norte-americano, sem as modificações imprevidíveis que a variedade das circunstancias ambientais exige sempre, em casos taes, do modo que, por fim, tivemos uma constituição norte-americana, ao invéz de uma brasileira.

Os factos posteriores porém, têm vindo provar a verdade sabida que não se organiza impunemente um codigo constitucional, contrariando o curso da tradição do povo a que elle tem de ser applicado, porque, cedo ou tarde, contra a falsa adaptação de preceitos, exclusivamente consentaneos a determinadas condições historicas, a paiz de diferentes tradições e costumes, se hão de levantar, clamando pela reforma, esses costumes e essas tradições.

O que é certo é que de vícios de organização e de abusos inevitáveis resultou, para nós, que, por uma desharmonia flagrante, de um lado, ficaram os Estados fartamente providos de prerogativas e poderio, arrogando-se, além disso, por interpretação ampliativa, de competência que lhes não cabe, e, de outro, a União, pobre, tão fraca, soberana e soberania tão desprezada que alguns ousaram que foi o Dr. Ubaldo do Amaral, lembrou a idea de se lhe dar um curador.

De tal modo desvaneceram-se o vinculo federativo, tão pouco zelo tiveram para a supremacia central, que é a essencia do organismo federativo, que na escriptoria nossa, o sr. Oliveira Lima, em seu bello livro « Nos Estados Unidos — » pôde perguntar: « — que tempo é essa que formamos, sem uma autoridade superior, independente e livre, no exercicio das suas funções? »

E a pergunta, em verdade, se reveste de todo o fundamento, porque, observado de perto o caso do Brasil, mais semelha elle uma confederação, em que os Estados se unem em indiscutível primazia, mas as regalias que fruem, tal a soberania que criminalmente se avocaram, do que uma federação, em que um órgão central, unico soberano, pôde exercer a sua superioridade pela interferencia de sua acção nos negocios dos Estados, meramente autonomos.

Corrigiu-se a malsinada centralização, que atrofiava o progredimento das provincias e as ameaçava de morte por asphyxia, pela descentralização actual, tão desastrosa quanto aquella, porque, decididamente, a manter-se no que está, acorretará, por fim, o perecimento do regimen pela fatalidade da dissolução dos Estados.

Desappareceu a acção federal, fiscalizadora, equilibradora, orientadora, os Estados entraram a ser regidos pela unica vontade dos seus governadores, obrigando-se por operações melindrosissimas, sem audiencia e conselho do poder a quem cabe a representação internacional, construindo e destruindo, contractando e distructando, legislando, exorbitando, com a mais integral emancipação na esphera politico-administrativa.

Assim, brevíssimo, com extrema facilidade, exponenciamente, a damninha regulação das oligarchias que, com facilidade igual, tem alastrado, dominadora, por quasi todo o territorio politicamente organizado.

Os melhores reclamos da opinião, as aspições mais probas, as agitações sadias, os surtos mais patrioticos, as collaborações limpas e desinteressadas, foram, a pouco e pouco, suffocadas « para esgarçamento dos povos » como se dizia no infame decreto que mandou arrancara cabeça a Tiradentes.

A pequena politica, desvirtuou-se e corrupção, a repugnante predação das republicas incoherentes, tratou, para logo, de offender a Justiça uma canaradagem repulsiva cujas consequências vergonhosas não escapam a qualquer observador imparcial, que ame a verdade e pela verdade se bata.

As questões indiciarias morrendo dentro das fronteiras dos Estados, é facil de ver que o sagrado direito dos litigantes deixou de gozar aquella amplitude de garantia e protecção, que é uma das mais attractivas bellezas conquistadas pela civilização.

Em cada Estado o governador confiou não mãos a suprema orientação, a calculada concessão das liberdades, o poder discretionario de dar e tirar, fez-se um codigo e reputou-se successivel a censura publica, e

assim se estabeleceu, como norma, dentro dos Estados, essa poderosa unidade que, por não depender da multidão, se chama tyrannia, segundo a palavra criteriosa de Pascal.

Muitos outros vícios de organização, já fartamente apontados por egregios publicistas patrios, têm ultimamente produzido, após uma secreta evolução damnosa, por improvisos desastrosos, as mais terríveis consequências, as depressões mais acerbadas, os effeitos mais imputos, as consequências mais sombrias, todo um tristissimo prospecto de decepções e infortúnios.

Hoje, o que, ali, se apresenta, ás nossas vistas, é um amontoado caótico, uma asymetria chocante, uma dispersão de varias pequenas patrias farrapoas, principios que perderam a belleza por applicações insensatas, preceitos constitucioneiros soterrados pela violencia covarde de interesses rasteiros, um amalgama incongruente de disposições e praticas que se repellem, lousamente, a honestidade banida, o servilismo enthronizado, a justiça descomposta, a liberdade polluida.

Si ha idea que possa requerer, no momento, a sympathia, mesmo a paixão, dos espiritos, é essa que quer, por uma recapitulação cuidadosa e selectora, estabelecer, com firmeza, o vinculo federativo, na Republica, roto, desmantelado pela acção desleal e impudica de homens que, responsaveis pelos destinos estaduais, sotopuzaram a inextinguíveis odios e interesses liliquianos os lemmas brilhantes que nos offereciam a prosperidade.

O funesto destino do Espirito Santo é o maior argumento em prol d'esse tentamen revisionista.

Outra prima, de um oligarcha, o mais desbragado que sorprende os espiritos heses tempos de sorpresas, o Estado do Espirito Santo é uma attestação inconfutavel da necessidade da reforma que levantamos, dentro do Estado, em bem da segurança e do equilibrio da nossa querida Republica, e em bem do Espirito Santo, para libertação do dominio do presidente nefasto, vaidoso, intolerante, maniroto que o desmantelou, por completo, dando-lhe, aos olhos de todos, a significação aviltante de um epitaphio do credito.

Urge rever o Pacto Constitucional, pelos trmites do seu artigo 90; urge reformar-o em nome de nossa propria existencia politica, para salvaguarda a nossa integridade contra a furia depredadora e expansionista das nações fortes que espian, gulosamente, a hora da nossa dissolução, da nossa desgraça, do nosso aniquilamento.

Têm estado enfermos, o sob tratamento medico, os srs. José Any dos Santos, Washington Pinheiro Meirelles e Joaquim Alves Junior.

Sinceramente todos desejamos prompto restabelecimento.

CASA BRAZILEIRA de Jacques de Lima Soares, com optimo sortimento de fazendas, calçado, arranhão, molhados, mantimentos, e mais artigos commerciaes de primeira ordem. Preços muito modicos.

Rua Municipal, 58.

MINAS GERAES

Por ser assumpto de palpitante actualidade, entendemos transcrever nas columnas do « O CABOCLLO » o interessante e instructivo communicado, que o « Jornal do Commercio » de Outubro p. p. digno o eminente patriota dr. David M. Campista, secretario das Finanças do Estado de Minas Geraes: « Na vossa edição de 18 do corrente encontramos acolhida editorial a seguinte communicação.

« Li, a proposito das negociações pendentes para desembarcar o Estado do Espirito Santo da situação em que se acha diante das exigencias do representante do « Banco de Paris et Pays Bas », que o Governo da União acudira como de costume, a pagar o mal que não fez.

O expediente é perigoso porque breve o Estado de Minas, que tremem tem prestimo em Paris, negociado pelos mesmos canes, virá bater ás portas do Thesouro Federal exangue. »

A publicação da affirmativa inteiramente gratuita, que secontem, no ultimo periodo supra alliea gravemente o credito de um dos mais importantes Estados do paiz, Estado que allis nunca deixou de satisfazer pontualmente os juros das suas dividas interna e externa.

Se a vossa publicação visa mostrar que pesados emargos podem advir á União caso estabeleça este o precedente do socorrer pecuniariamente Estados em angustia financeira, parece que não seria imprescindivel designar nominal e especialmente o Estado de Minas como — um dos futuros pedintes, tanto mais que essa previsão — cuja publicação editorial não seria perfeitamente innocua, mesmo que se tratasse do credito de um simples instituto particular — é absolutamente infundada e não se realizou.

Se o mais antigo e um dos mais respeitaveis orgãos da imprensa brasileira afirma que o Estado de Minas não terá um breve thesouro proprio para occorrer aos seus emargos externos — é natural que os credores estrangeiros — já de si pouco propensos a confiar em finanças sul-americanas — fiquem ainda mais alarmados do que estavam com o caso do Espirito Santo. Se o fundamento da previsão consiste no facto de haver o Estado de Minas, como o do Espirito Santo, contrahido um emprestimo por intermedio do Banco de Paris e Paizes Baixos, nem por isso deixa ella de ser menos gratuita nem menos malevola — visto que do facto de um devedor do Banco contrahir-se na impossibilidade de pagar coupons vencidos, não se pode inferir que outros devedores tenham de passar pelas mesmas afflicções.

Quanto ao Estado de Minas — cuja situação financeira nada tem de mais actualmente — posso garantir-vos que não deixarei de pagar pontualmente o coupon de sua divida. O primeiro coupon a vencer-se é o de Janeiro de 1902 e importará em cifra de 1.300.000 francos; para satisfazê-lo já o Thesouro do Estado expedio para Paris 967.565 francos — ou muito mais de dois terços do total e muito provavelmente até fins do corrente mez será remettedo o restante. O valor da amortização está tambem entregue ao Banco de Paris e Paizes Baixos. Quer isto dizer que o Thesouro antecipou com mais de dois mezes os pagamentos a que é obrigado no estrangeiro e não irá bater a outras portas que não sejam as suas proprias.

Isto quanto á actualidade.

Relativamente ao futuro ha a considerar-se em primeiro lugar que, em falta de prova em contrario, não é lícito supor-se que quem assim se desempenha dos seus compromissos em época de crise geral, venha a faltar a elles exactamente quando melhor será a situação financeira. Em segundo lugar, a previsão da receita organentaria para o futuro exercicio fica restricta ao minimo possivel, novas fontes de receita foram abertas, as despesas publicas tiveram a extraordinaria redução que se coadunou o imposto territorial foi cobrado sem resistencia nem abalos, produzindo avultada somma.

Nada ha portanto a temer-se para o futuro. Se a publicação a que responde é, como acreditio, um communicado embora abrigado em columnas da redacção, ouso, esperar, Sr. Redactor, que a mesma imparcialidade que vos levou a dar-lhe aqsalho acolherá benevolmente estas linhas que não são inspiradas senão pelo desejo de tranquillizar interessados e credores estrangeiros — porventura inquietos depois das publicações contrarias ao credito deste Estado que tão nobres esforços faz

para honrar o seu e o crédito nacional. Apresento-vos, Sr. Redactor, as seguranças da minha perfeita estica. — O Secretario das Finanças, David M. Campista.

Sobre o mesmo assumpto, occupou a tribuna da Camara, o illustre deputado Adalberto Ferraz, que, abundando em identicas considerações, terminou assim o seu discurso: «O Estado de Minas acha-se na situação em que sempre se manteve; os seus serviços serão entendidos por elle e a União póde ficar desenhada de que d'alli não virá aggravação da situação do Thesouro Nacional».

ESTRADA DE FERRO

Do «Correio da Manhã» de 29 do passado, do extracto das seguintes noticias que muito nos interessa:

Foram remettidos á Camara dos Deputados os papéis concernentes á concessão pedida pelo engenheiro Libanio Lima, de uma estrada de ferro entre o porto de Itapemirim, no Estado do Espirito Santo, e o centro do de Minas Geraes.

São votos sincerissimos e ardentes os que fazemos para a realisação desta antiga e justissima aspiração das populações do sul d'este Estado, o d'aqui pedimos aos nobres representantes da Nação que se dignem tomar a devida consideração, votando o mil e hecundo empreendimento, até hoje tyrannicamente obstatado pelo impatriotico governo do Sr. Moniz Freire.

ESPIRITO SANTO E MINAS

REPLICA NECESSARIA

(Continuação)

Nada mais tendo a retrucar sobre o assumpto, pois o deputado, fugindo á questão, deixou-me sem resposta, inconveniente não haverá em lembrar-se aqui o facto da Leopoldina a esta hora estar com tendências a dominar todo o sul do Estado, do Cachoeira para o centro, com o auxilio de suas linhas ferreas, trafegando brevemente toda a produção dessa vasta zona para o Estado do Rio, burlando portanto o programma ferroviario do sr. dr. Moniz, que tendo privadores portos do sul das vantagens desse melhoramento, e se era impotente para obter que tudo se fizesse daquelle modo e naquellesentido.

Continuando, diz o deputado que eu aquilo intrinsecamente Capital explorando o sul de zona. Não, não sou eu, sr. José Moniz, e não posso mostrar qual o intrinseco, o verdadeiro agulador de cullos de zona nessa-nossa infeliz terra. E ali

«Mais valeia-mas praça-de-terceira ordem, diz o Dr. Moniz em mensagem, regularmente organizada, quando a nosst (refere-se a Victoria) não

podesse além disso, do que duzias de milhares de pessoas que actuam simplesmente nassegurança da nossa civilidade occidente, clatrado e voa largo dos desenhos espirito-santenses».

Que leão e pasmem os polidos desta terra que feio e pasmem as populações do Estado, e vejo quanto ha de monstruosidade em tanta a jullo, e vejo como um presidente de Estado tira a sociedade leuaberta a mais fina das injurias e o mais grosseiro dos laibos, cortando a as arapilhos e as franquias legitimamente constadas e consentidas pelo regimen adoptado, ataquas, no entanto, são por aquelle modo leuamente aniquiladas de morte sob o guante terrivel e execravel do fozor centralização.

E sou eu o habilitado, o promotor de cullos de zona, na opinião desse clatrado desgraciado!

Contra o phantastico equilibrio organico do exercicio vigente, e o manifesto, que para uma despesa minima de 3.400.000.000, originaria-se uma receita maxima de 3.100.000.000, e que, para isso ter lugar, calculado, entre outras verbas, dos mil contos para a actual colheita de café avelada esta em 100.000 saccos ao preço de 8500 por 15 kilos.

Acimando de falsa essa avelação, disse mais, que felizes seriamos se ella atingisse aos duzentos e sessenta mil contos, e que em tal caso haveria uma diminuição na receita vort-la de mais de 600.000.000.

Ora, isto é o que está escripto no manifesto. O deputado, porém, fugindo propositalmente a questão e ao argumento declara, sem que dissesse, que eu cogitara, que em mensagem do Dr. Moniz há havia mostrado que nos annos de 1899 e 1900 as colheitas de café já tinham sido diminutas, e conclue com este disparate imbecil: — «Fretando o sr. Athayde Junior que, sem reter, confessou que a colheita deste anno não atingiria aos dois terços da previsão daquelles que a calculou em 100.000 saccos devido ás secas anteriores, que a estragaram e enfraqueceram».

«Dar-se á manus sordide!»

Penso, por ventura, o deputado, que isso é a mesma coisa que algaratizar-se qualquer palustre no congresso, para esta-se apito a combatarem a humanidade? Com que direito ou honestidade logica o sr. José Moniz devia o meu argumento, relativo á receita deste anno, para applicando-o a assumpto do opposto e do qual não cogitei fazer ser ao publico e ao governo, quem serve, que, dentro mesmo do manifesto, a s. veio dar-me combate e infligir-me a mais estorrida das derrotas?

Admiravel, como argumento estardalhante de (ancaria barata, e ouvia-se ali repetida essa lenha velha e gasta:

«De provincia que era, diz o deputado, sem recursos para prover as suas mais palpitantes necessidades, com um orçamento que se elevava a pouco mais de 600.000 em 1889, Moniz Freire (aquella a cousa) conduziu o Estado a um dos mais brilhantes logares na ordem de collocação dos mais prosperos, o dos de mais renome, dos Estados da Federação».

Feliz esse Presidente de Estado! Até os factos, reaes e positivos, são torcidos para dar-lhe fama e gloria, em face do precepto que a todos allumia.

de Jacques e de sua herdade, e que mais tarde soube a historia de sua vida.

Essa historia me pareceu boa para ser contada, e é o que vou fazer.

Talvez algum meião, filho de campones, que teinha aprendido a ler na escola da freguesia, e leia em voz alta durante o sermo, e ella então poderá ensinar a familia até onde se pôde chegar pelo bom comportamento, pelo trabalho intelligente e pela vontade decidida.

CAPITULO II

A antiga herdade

Jacques nasceu, ha 62 annos, na mesma herdade que elle cultiva hoje; seu pai, conhecido na terra pelo nome de pai Antonio, também foi casado della; era um bom trabalhador, levando tão bem como os lavradores do seu tempo; mas não levava de feiras bois iguaes ao que seu filho leva agora. Com difficuldade se encontraria na actualidade bois tão mal feitos como os que então erados na herdade. Boi gordo foi essa que nunca se viu ali; mas, os magros enfadados eram communs; nem po-

Sem duvida, diz o actual amigo do Dr. Moniz, na Republica foi esse quem promoveu e transmittiu o orçamento de 600.000.000 da antiga provincia em uma receita superior a mais de quatro mil contos, como Estado Federado.

Falso, falsissimo tudo isso. O Estado só passou a accusar semelhante receita em seus orçamentos, desde que se por em execução a discriminação de rendas federaes e estaduais, imposta pela Constituição da Republica. Basta indicar, quanto ao café, que a provincia cobrava 10 réis por kilo e a monarchia 7,1. O Estado na Republica constitucional passou logo a cobrar 11,1, e hoje 12,1.

(Continuação)

Tivemos o prazer de receber em nossa redacção as visitas dos srs. Capitão José Marques Pereira e Leopoldo Stas. Agradecemos.

«O CABOCLLO»

Disse o «Cachoeirano», o velho organo republicano do sul do Estado: Recebemos o 1.º n.º do semanario «Cabo-cllo» que encostou sua publicação na vizinha Villa de Itapemirim, redactoriado pelos srs. Athayde Junior e Naveiro Araujo.

O nosso collega é um combatente politico contra a situação dominante no Estado e empenha-se tambem pela reforma ou revisão da Constituição Federal em alguns pontos.

Como ultimo recurso, provado que o Estado não possa continuar como parte autonoma da Federação, o «Cabo-cllo» julga como esforço supremo de humanidade a sua união com o grande Estado mineiro.

Confiamos que o converso do novel collega, sendo patriótico, orientado e sincero evitara esse desenlace fatal impulsivamente repellido pelos que nos ornam e vivem neste Estado.

Permittamos-nos. Agracando a gentileza da noticia, e sobretudo, a verdadeira e leal interpretação do nosso pensamento no programma, «O Cabo-cllo» confia que, feita aquella prova, terá a seu lado o «O Cachoeirano», pugnaudo, nem «concurso patriótico orientado sincero» da idea da união com o Estado mineiro, «impulsivamente» sufragando polos que atopiam o secundario ciume da fronteira local ao ciume primordial das fronteiras da grande Patria.

Disse o «Paiz», o eminente director da opinão republicana:

«Apparecem, a 27 do corrente, na Villa de Itapemirim, Estado do Espirito Santo, mais um collega de imprensa, «O Cabo-cllo», redigido por Athayde Junior e Naveiro Araujo. Saudando o valeroso confrade que entra na lista prompto

isso os do pai Antonio eram peiores que os dos seus vizinhos? todos elles se pareciam. Se o gado não comia a seu gosto, tambem a comida dos homens não era mais farta. As batatas inglezas, tão appetitosas quando sahem das brazas bem assadas e bem farrinhadas, era apenas conhecidas naquella tempo, e as pessoas que a cultivavam contentavam-se com ellas em um rancho da horta. O pão só era feito com farinha de centeio, da qual se tinha todo o cuidado de não tirar o farello; e a sopa era temperada com azeite, e era feita com um pedaço de carne salgada, de um porco, que, bem o mal, se tinha guardado com as lanches do matto. Se houvesse necessidade de usar de manteiga para temperar as couves e os alhos, que formavam o principal alimento da familia, o caldo ficaria muitas vezes bem magro, porquanto a leite das vacas, mal alimentadas, secava, logo que se lhes tiravam os bezerros. Como só o centeio era cultivado, se o gado não era para elle, e a colheita era pequena, não poucas vezes a fome tomava conta da casa. — Nada da tão mal conhecida como a fome! — O exercicio, pobre, esgotado, procurava por meios illicitos obter o

a combater pelo ideal republicano, transcrevemos as seguintes linhas com que encabeçou a transcrição do manifesto da assembleia estadual fluminense, apresentando a candidatura do nosso precado collega.

Extremamente honrados por estas palavras e pela transcrição das humilissimas linhas, com que levantamos a candidatura do glorioso Mestre, apresentamos ao «O Paiz» muitos e sinceros agradecimentos.

Disse o nosso illustre collega «Commercio do Espirito Santo»:

Fomos obsequiados com o 1.º numero desse interessante e bem redigido jornal, que se publica na Villa de Itapemirim. São seus redactores e proprietarios os srs. Athayde Junior e Naveiro Araujo, dois nomes que valem o primeiro pelos seus serviços á Republica, desde a propaganda, pela sua intrinseca eia em materia de principios e pelo papel que representou na gloriosa jornada de 15 de Novembro; o segundo, que conhecemos quando o seu talento começara a manifestar-se, representa uma das mais fundadas esperanças d'este Estado e foi na academia um estudante distincto, revelando-se então, um orador e um jornalista de primeira agua.

«O Cabo-cllo» será uma folha de combate e de propaganda, que o seu belodephante dos ditos do seu bello artigo de apresentação.

Como era de suppor, o novel collega perfila o manifesto de 10 de Fevereiro d'este anno, do primeiro dos seus redactores e promette trabalhar pela idea d'elle agitada.

No final do seu primeiro artigo declara-se «O Cabo-cllo», revisionista, apontando as reformas que, entendido, devem ser feitas no pacto de 24 de Fevereiro.

Per ultimo, é um jornal bem feito, escripto com elevação e elegancia de forma, o que basta para recommendalo. Auspicando a digna collegas a mais acuradas, d'aqui o concebemos a resistir aos dissabores que acompanharam a vida do imprensa.

De coração confessamos-nos gratissimos ás gentilezas innumeráveis do n.º 1 illustrado e provelto collega. Multissimamente obrigado.

Recebemos tambem a visita do nosso collega «O Pandego» do Cachoeira de Itapemirim, e do sr. coronel João Guimarães Pinheiro da Silva uma gentil carta de felicitações, cheia de palavras muito animadoras. Penhoradissimos.

O CABOCLLO não devevido, assignatura accita.

FOLHETIM

HISTORIA DO GRANDE JACQUES

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

O GRANDE JACQUES

Durante a conversa do-lhe a entender que estavamos muito vor como elle dirigia as suas lavras e pensava o seu pado.

«E' muito facil, responde elle, e se não tendes medo de alhoar um pedaço de presunto, e uma frida com toucinho, regada com uma garrafa de vinho da minha lavra, vindo uma dessas manhas, e vou fazer-vos todo isso. Dei-me pressa em acceitar e ao tomarmos o café, combinamos uma dia para essa visita.

For assim que fixo o conhecimento do Grande

(Continuação)

A RECUSA FORMAL

Em as columnas do nosso circumpecto confidante (o Caducron) de 13 do p. r. me, creio insuperáveis a situação, dominando, lemos este telegramma: «Relativamente á situação financeira desse Estado o governo federal recusa formalmente qualquer auxilio».

Dobros, como profundidade sobre de finanças, esse telegramma para avorocados espíritos, é para alamar o Estado inteiro, nelle facendo rebote, como no inferno as maldições do Dante, os olhos de clamor, as vozes de indignação, e vituperação contra um governo de provocadores e de malícia!

«Lugubre e chocante sobre de finanças nos faz lembrar gigantes da honra, do credito e da vida, as finanças de um Estado que podia e devia ser próspero e feliz».

Tremenda lição de uma logica irreprevel da-nos a verdade e o orgulho, a coiza e a fraude, quando o governo das povas não serviu ou por um louco, ou por um pedulário sem escrúpulos.

Supremo e formalavel telegramma esse que diz: «o governo federal recusa formalmente qualquer auxilio» ao Estado, não porque não seria ferir de frente a propria lei base de conservação da República, fazendo parir em seus fundamentos a integridade moral e material da grande Patria — o nosso querido Brasil. Mas ao governo do sr. dr. Moniz Frias, sr. ferulamente todo o Estado, por amar á República e á Patria, imperiosamente o governo federal deve, não?

E negado, como foi, pois o telegramma é inaproveitavel, onde o nosso perpetuo embaixador irá encontrar o seu negocial-o?

Nos bancos, nações ou estrangeiros? Nas burocracias, nos particulares, que dentro, que fora do País? Seria uma insania nisso pensar ou tentar s. ex. o ridículo negociador dos nossos infomunhos, mediante letras de morte, ruidosamente endossadas pela fraude mais impudica e sordida.

Nossas condições, que farão s. ex.? Certamente, o mesmo que fez ou tentou, quando voltou de sua principessa embaixada de tres annos em Paris, onde nada fez e conseguiu para o governo que então naturalmente representava.

O Estado, o Estado, nelle e com elle obtivera tudo, diz s. ex. O Estado, bella fazenda, onde dominou a discreção, onde seu obediencia e a lei e a sua vontade e pensamento.

Onde, á força de astucia e do arrocho, trancou todas as buxas, encho ou esvasio extinguiu, tudo ou em promissas de cobardia, annulo opposições e o povo, humilde, obediente, presenciozello, acalma-me em ovacões ruidosas-seu benficio.

Sendo assim, usando as fivelas a tal recusa do governo federal, mandando plantar batatas a bancos e a capitalistas, e metto-me na fazenda, cuja posse pertence-me pelo direito victorioso e inconscio de rapinas electivas, legitimamente impuestas e accetadas.

Preciso e hei de pagar aos credores, custe o que custe. O Congresso ali está, linpamente feito, unanimemente accorde e conserte para votar e regularizar tudo que for necessario. A questão é haver audacia e fecharem-se ouvidos a essa impertinente piedade humana.

Precisamos de quanto? Dous, dez, vinte mil contos? Mas, isso não é nada. Até a und a, porá tempo, como o judeu lendario batendo de porta em porta, simplesmente para aranjá a sua miuharia. . . .

A multa gente e muito recurso ainda na fazenda, proprietários, lavradores, commercio, terras, lavandas, quartéis, theatros, vias ferreas, acias, industrias, etc.

Constituírei pela população, que toda ella constitue meus aggregados. Mandarei o Congresso lançar mais impostos, legas ou illegaes, pouco importa, tributa-la quanto puder e quando essa fôr a ultima esperança, porá a propria fazenda em leilão. Pavão ao martello quartéis, theatros, terras do volutas, lavandas, áreas e matas, e matas e pomos, e quando, finalmente, tudo isso não chegar, pouco custa-me á passar no cobre umas centenas de peças aggregadas. . . .

Realmente, em quem momento tão pungente, repito s. ex.? Que idéias, que pensamentos passamos pelo espirito, em crise tão aguda, infernalmente esmagada pelo improviso de lances, ainda mais alterados? Pensar em nada, ou cogitar calmamente da fazenda, fortemente tributada, no triplo, no quadruplo do que está, ou, naquelle leilão?

Que situação é esta em que nos achamos ou que sobre os nossos em face das revelações

gravissimas contidas na ultima mensagem dirigida ao congresso estadual!..

Afirma s. ex. nesse documento sinistro que para attender aos compromissos do Estado para com a Banque de Paris et Pays-Bas, «tomei todas as providencias que estavam ao meu alcance», manivei em grande atraso até o mez de julho todos os pagamentos ao functionalismo, retardei varios outros, evitei e fiz evitar todas as despesas que poderiam ser adiaadas para o mez seguinte, obtive novos prazos para alguma das obrigações vencidas e de com muita antecedencia as tentativas possiveis para levantar recursos por conta da arrecadação do segundo semestre que prometta ser, e realmente vai sendo, muito mais abundante. Beldades, porém, estimesmos etc.»

Se de tudo isso lançou mão s. ex. e não chegou para salvar a honra e o credito do Estado tão judiciosamente accorrido as clausulas bonitas desse empréstimo e se por ultimo, esbarra ante a recusa formal do governo da União, que, presidentemente evita amputar-o no plano inclinado de tantos desastres e loucuras, como conjurar a situação, o que realmente pretendia fazer s. ex.?

Acostuma por credores, despedido pelo governo federal, repellido por bancos e capitalistas, atormentado pelo clamor publico virribrante de miseria e de fome, arguido por cabanquismos e fraudes vergonhosas, assediado por um functionalismo inteiro em arreza e vestimentos arrastados em extrema penuria, inquirido por arrecadações criminosas e por tributos inqualificaveis a tirados sobre uma lavoura agonizante, o que ainda pretendia fazer s. ex. como governo, nesse abysmo tardo e revolto das desgraças crueis, das afflicções lancinantes que quasi está irremediavelmente mergulhado o Espirito-Santo?

Proximo já está o dia do grande leilão? Foi para isso que se fez a República?

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

Transcrevemos hoje da Gazeta de Noticias de 28 de Outubro de 1901 o artigo O caso do Espirito-Santo, Leão o o publico e avale as famosas clausulas do famoso empréstimo José Marcelino e as quaes até hoje propozionalmente o governo procurou occultar.

«Não é nossa intenção prolongar ou azedar as discussões sobre o caso do Espirito Santo e muito menos servir de abrigo a interesses particulares; para nós é uma questão de lealdade e de justiça a que está no tapete e sob esse ponto de vista exclusivo depois de ter concedido á defesa da administração do Estado do Espirito Santo tudo quanto llo podiamos conceder, julgamos opportuno occultar mais a questão com documentos que destroem completamente o drama levantado pela imprensa sobre um praxeavel desaccato nos brios e á soberania da nação.

A base do litigio entre o Estado e o Banco deve ser collocada no unico terreno em que é possível uma discussão serena e um julgamento imparcial do texto das clausulas do contracto que o Estado do Espirito Santo estipulou com o Banco de Paris et des Pays Bas, em 12 de dezembro de 1899, que são as X, XI, XII que transcrevemos integralmente:

Art. X. O Estado dá em garantia da clausula antecedente a arrecadação da Recobedoria da Victoria a qual regula mil contos, mais ou menos annuaes, e acha-se desembarçada de qualquer onus.

Art. XI. Na hypothese do não pagamento de qualquer prestação, no tempo devido, o contracto será considerado vencido, e competirá, neste caso, o Banco de Paris et des Pays Bas o direito de ter agente seu á custa do Estado, na mesma Recobedoria, conferindo o Estado a esse agente o direito de embolsar a totalidade das arrecadações que forem

sendo effectuadas até completarem-se o integral pagamento do que elle estiver devendo ao Banco contractante.

XII. O Estado compromette-se a fazer, do anno de mil novecentos e um em diante, o serviço regular do pagamento de juros e amortização annuaes do seu empréstimo de dezesseis milhões e quinhentos mil francos (Fr. 17.500.000) e faltando elle a qualquer dos pagamentos, o presente contracto ficará igualmente vencido, e o Banco terá o direito de exigir immediatamente o pagamento integral da divida que o Estado contracta pelo presente contracto sob pena de incorrer o Estado na sanção estipulada na clausula antecedente, até completa extincção da referida divida.

As clausulas XI e XII justificam plenamente o direito que o Banco exerceu de enviar um agente seu á Victoria porque a falta do pagamento do coupon de 5 de outubro está considerada, na clausula XII, como causa sufficiente para fazer declarar vencido o contracto de 1899 ou extinguir a vantagem de pagar a divida contractada naquella epocha em 8 annos.

O Banco envia o seu agente á Victoria em cumprimento dos direitos que lhe concede a clausula XI, agente que devia ser pago pelo Estado do Espirito Santo e cuja função não devia ser outra senão receber as quantias que a Recobedoria costumava mandar ao Thesouro estadual e remittel-as para o seu Banco.

Não representava esse agente senão um credor particular que vai receber, na casa de devedor, o que este deixou de enviar-lhe á propria sede que fornecia o dinheiro do empréstimo. Mas inspirados foram os que nesse facto quizeram ver uma ameaça á soberania nacional. A recobedoria teria continuado a funcionar regularmente, com todos os seus elementos de scripturação, administração e accção, e o proprio governo francez nunca teria tido conhecimento do que um empregado de um banco de França tivesse ido receber dinheiro por conta de creditos particulares na recobedoria do Espirito Santo.

Além do tudo, ainda que o facto assumisse caracter e as proporções que não teve, a culpa não seria do banco francez, mas do Estado que tivesse assignado a tal contracto num momento de aperto e não do banco que, só em vista daquelle garantia, resolveu fazer o empréstimo.

A questão de direito pois está liquida: não ha maneiara que possa, torcendo por todas as maneiara a letra das clausulas supradictas, destruir as regalias expressas do contracto.

E como os governos que se prozam collocam na boa fé o valor dos contractos, porque sem essa boa fé nenhum governo podia ter credito no mundo moderno, é evidente que o Estado do Espirito Santo agindo correctamente não pôde considerar como attentado á sua soberania a presença de um agente do seu credor na recobedoria, autorizada pela clausula XI e justificada pela clausula XII do contracto que accetou assignou em 12 de dezembro de 1899.

Debaixo do ponto de vista racional a União não tem direito ou dever de intervenção na contenda entre o Estado e o Banco: a Constituição é clara, a autonomia dos Estados não está em vigor somente pelos direitos, mas também pelos deveres dos governos estaduais, e estamos convencidos que se num momento de agnos um Estado accetava de braços abertos o patronato do governo federal, levantar-se-ia como uma hydra furiosa quando visse em discussão uma lei que prohibisse aos Estados contractarem dividas sem autorização da União.

O que se pôde fazer entre o Estado e o Banco é tentar um arranjo amigavel, com ou sem a intervenção do governo federal.

Fôr disto, logicamente, o que se pôde fazer é o cumprimento do contracto.

CAFE

Leamos no «OPA» de 1. do corrente um officio dirigido pelo sr. ministro da industria ao illustre e honrado sr. dr. Demotri Nunes Ribeiro, e como o assumpto do par, ali, se trata, é de palpitação actualidade e envolve uma util propaganda em favor do nosso café, pensamos servir o publico, transcrevendo-o, como fazemos. E esse o officio:

«Lendo o Governo Federal resolvido organizar, na conformidade do decreto n. 4207, de 22 do corrente, a propaganda do café no exterior, com o duplo intuito de promover o consumo do nosso principal producto e de defendel-o nos mercados estrangeiros sob o ponto de vista da qualidade, quantidade, preço e procedencia, ficai incumbido da direcção desse serviço, que será regulado pelas instruções aqui juntas.

Confando commissão dotada de responsabilidade e vossa reconhecida dedicacão e pro vado patriotismo, espero que lhe deis desempenho util e proveitoso para o nosso paiz.

Instrução para o serviço de propaganda do café no exterior: I. O serviço de propaganda será feito principalmente por meio de exposições permanentes das differentes amostras do café brasileiro em varios centros industriais e commerciaes estrangeiros.

II As exposições serão installadas de preferencia na sede dos consulados da Republica e só por impossibilidade material se poderão escolher outro edificio apropriado, ficando ainda nesse caso a exposição sob a guarda da autoridade consular.

III As exposições permanentes serão installadas desde já nos consulados de Lisboa, Havre, Marsella, Paris, Genova, Trieste, Londres, Hamburgo, Antuerpia, Bruxellas, Vienna e St. Petersburgo.

IV As collectas das amostras serão feitas tendo em vista reunir em cada exposição todos os elementos de comparação entre o producto brasileiro e o de outras procedencias, para o que o director da propaganda se communicará directamente com este ministerio.

V Em suas relações comos consulados de verá o director regular-se pelas instruções que nesse sentido lhe forem communicadas pelo ministerio das relações exteriores.

VII Nos mercados de consumo de café deve haver estudos das diferentes qualidades e origens a graduacão da precão, e melhora accionamento, fazendo-se a comparacão dos diversos productos e colligindo-se os dados estatisticos necessarios ao estudo da concorrência e os meios de lutar com ella.

VIII O director da propaganda deverá apresentar semestralmente um relatório das occorrencias havidas no serviço a seu cargo, acompanhando da demonstração das despesas publicas.

VIII Para ocorrer ao pagamento das despesas com o serviço da propaganda, essa crenda, será posta na delegação do Thesouro em Londres a importância de 27.000 em ouro, percento do credito aberto pelo decreto 1.207, de 22 do corrente.

IX Será de 9008 mensaes, ou, a remuneração do director, importância esta que elle se terá retirar mensalmente, podendo tambem requisitar assommas necessarias para as despesas de expediente, transporte e installação das exposições e que ficam sujeitos a prestação de contas.

«O Caboclo», não devolveu do assignatura accetita.

PARTE COMMERCIAL

CAMBIO

Cotações da Camera Syndical de Corretores do Rio de Janeiro: 90 div. á vista
Sobro Londres 11 3/4 d. 11 45/54 d.
Paris 811 rs. 815 rs.
—Cotações do café no dia 4—
Tipo 6 por 15 k. 88100 a 88400
„ 7 „ 78100 a 78900
„ 8 „ 78300 a 78600
„ 9 „ 78100 a 78200
O mercado fechou calmo
No dia 3 de tarde o angulo no Rio de Janeiro de 612.817 saccos

AVO
LICO
ESPIRITO
SANTO

SECÇÃO AGRICOLA

PELA AGRICULTURA

Uma das praticas ainda seguidas pelos nossos lavradores e que se torna preciso que cesse absolutamente, é a de fazer as suas plantações saltadas, na qual as plantas não guardam distancias uniformes. Aoe não iniciados nos conhecimentos indispensaveis á agricultura ou aos que não habitando um centro adeantado não têm, pelo exemplo, occasião de aprender, parece que as plantações feitas em linhas paralellas, guardando as linhas ou fileiras, entre si, exactamente as mesmas larguras, como exactas as distancias entre as plantas de cada fileira, nenhuma vantagem trazem ao objectivo de quem planta, alem da belleza do campo que cultivam; mas assim não é.

Sabem todos que cada planta precisa, conforme o porte que tem e a familia a que pertence, de uma superficie dada de terreno para o seu desenvolvimento; que não é possível a uma mangueira crescer e fructificar no mesmo cubo de terra em que cresce e vive um pé de couve; mas isso que ninguém ignora, dadas as relações, pratica-se constantemente querendo fazer vegetar muitas plantas onde poucas podem fazer com proveito.

Dando-se a cada planta o espaço necessario para o seu desenvolvimento, dá-se-lhe, por conseguinte, o ar, luz e cálcio precisos para a perfeita fecundação das suas flores e sazonalmento de seus fructos.

Ora, com o systema condemnado e seguido ainda aqui, a distribuição por igual d'aquelles elementos não póde ser feita por não haver regularidade na plantação. Em muitos casos ficarão as plantas apertadas, em outros espaçadas em demasia; n'aquelle nada produzirão, n'este, desperdício de terreno preparado, o que equivale dizer dinheiro. Mas, não ficam somente nas vantagens que apontei, importatissimas para a vida das plantas, que desfructam os que plantam em fileiras, que se cifram os benefícios do systema; outros de importancia não menor, pois que são de ordem economica, confirmam o que viemos de dizer.

E' assim que a circulação dos jornalleiros por entre a plantação, é muito mais facil, como muitissimo mais facil é a fiscalização do que fazem; servindo, até, de uma extensão das ruas, de estalão para avaliar-se da perfeição e actividade de cada um.

As capinas ou carpas são feitas com muito mais rapidez e, portanto, com economia de tempo porque, o jornalleiro, não tendo em frente plantas, mormente quando são pequenas, não se arrisca a arrancal-as de enxada com o medo que capina. Dado um tempo de chaves prolongadas molestia do cultivador, ou falta

de jornalleiros na epocha das capinas, quando o mato tenha asoberbado tudo do modo que quasi se não distinguem as plantas, ainda assim é possível uma carpa nas plantas hileiradas. O proprietario póde sem difficuldade percorrer interiormente as suas plantações, verificar as fileiras e replantar-as; fiscalisar a colheita para que não fiquem fructos no campo e, mais facilmente, verificar os roubos praticados nos centros das suas roças. Orientadas as linhas na direcção dos ventos mais fortes, ha menos probabilidades das plantas tombarem, porque o vento encontra-trenos superficie resistente.

Estamos nos dirigindo aos que não usam do outro instrumento de lavoura alem da enxada, porque aos que usam appparelhos aperfeccionados, estes conselhos são desnecessarios; pois só com essa forma de plantação podem usar os capinadores mecanicos.

Sabemos que com aquelle rudimentar instrumento de trabalho agricola é mais difficil praticar o que dizemos, entretanto, muitos o fazem com vantagem a despeito de tudo nas plantações do milho, feijão, mandioca, café, canna e etc, porque elles estão convencidos de que a belleza alliada á utilidade e á economia.

GASPARINI

EDITAL

De ordem do Illm. Sr. Presidente do Governo Municipal d'esta Villa.

Faz-se publico que até o dia 30 de

corrente, aceitam-se n'esta secretaria propostas para a construcção de um edificio que sirva de casa do Governo Municipal e de cadeia d'esta Villa; devendo o prédio medir 14 met. por 10, e constar de dois pavimentos: sendo o primeiro, com 3,80 mt. de altura, construido de pedra e cal, e o andar superior de tijolos, com 1 mt. de altura, de conformidade com a respectiva planta do edificio a qual poderá ser examinada pelos srs. proponentes todos os dias uteis de 11 horas da manhã ás 3 da tarde na secretaria deste Governo. As propostas deverão vir em cartas fechadas dirigidas ao Governo Municipal, e nenhuma d'ellas será aceita sem que o proponente tenha dado bens á hypotheca para garantia do contracto, ou apresentado fiador abonado, a Juizo do mesmo Governo. E, para que chegue ao conhecimento de todos e de quem interessar possa, passou-se o presente edital que será publicado pela imprensa e afixado ás portas do Governo d'esta Villa. Secretaria do Governo do Rio Novo em 5 de Novembro de 1901. Eu Barico Wallerstein Lucas, secretario que a escrevi.

ANNUNCIOS

CASA

de Jacques
BRASILEIRA Lima Soares,
res, com op

imo sortimento de fazendas, calçado, armario, molhados, mantimentos, e mais artigos commerciaes de primeira ordem.

Preços muito modicos

Rua Municipal 58,—Villa de Itapemirim.

AFFONSO GAZANI
COM LOJA DE ALFAIATE

Rua municipal—Villa de Itapemirim

TERRAS

Para vender

Moncel da Costa Pinto, negociante no BREJO DOS PATOS DE ITAPEMIRIM, vende diversos terrenos que possui, regulando de 3 a 15 alqueires;

UNS COM CASA E BEMFEITORIAS, OUTROS SEM ELLAS

Situados todos no

BREJO DOS PATOS

e no lugar RIO MUQUY

O Cabocelo

ACCEITAM-SE PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS, aquellas ao preço de 200 réis por linha, e estes pelo que na occasião for convenicionado.

Encarrega-se tambem da publicação de jornaes de pequeno formato, folhetos e mais serviços attinentes á arte por preços modicos.

Os pedidos deverão ser dirigidos para a redacção, 3 rua Municipal, n. 57, n'esta VILLA DE ITAPEMIRIM.

PISA & IRMÃO

Com negocio de fazendas, chapéos, calçados, armario, ferragens, louça e molhados, casa fundada em 1885.

Compra-se qualquer partida de café a dinheiro à vista e mais generos do paiz.

Rua Municipal n. 51—Villa de Itapemirim.

CASAS E TERRENO

Vendem-se, por preço muito modico, duas boas casas, nesta Villa: uma, á rua Municipal, n. 4, assoalhada, coberta de telha, muito bem situada, com frente para a praça Visconde do Rio Branco, tendo armação e balcão proprios para negocio, e outra, á rua Costa Pereira, n. 4, tambem assoalhada, coberta de telha, e muito apropriada para familia.

Vende-se tambem um terreno, cercado de forte muro de pedra, muito apropriado para edificação, e em ponto optimo d'esta Villa.

Para tratar-se negocio, dirigir-se ao proprietario Jacques de Lima Soares a rua Municipal, n. 58.

O CABOCLÔ

REDACTORES E PROPRIETÁRIOS — ATHAYDE JUNIOR E NARCISO ARAUJO

E DO ESPÍRITO S. INTO.

78. 471.

ANNO I — N. 4

VILLA DE ITAPEMIRIM, 17 DE NOVEMBRO DE 1901

Redacção: Rua Municipal, N. 53.

ASSIGNATURAS:

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

(-) PAGAMENTO ADIANTADO (-)

— Publicação semanal —

AVISOS ESPECIAES

NARCISO ARAUJO

— ADVOCADO —

Villa de Itapeirima

DR. JOÃO RICARDO COSTA FILHO — Mo-
dião. Aceita chamados a qualquer hora.

QUINTINO BOCAIYUVA

Do glorioso Mestre tivemos a extraordinária honra de receber o cartão seguinte:

— Aos Illustrados Redactores do *Caboclo*, cumprimentos e agradeço pehorado suas honrosas referencias.

QUINTINO BOCAIYUVA, Presidente do Estado do Rio de Janeiro.

Protestando no eminente democrata o nosso profundo agradecimento, afirmamos que, com as referencias que fizeram, não fizemos mais do que cumprir um iniludível dever a republicanos e patriotas.

"O Caboclo., não devolvei-
do assignatura aceita.

15 DE NOVEMBRO

Doze annos fizeram a 15 deste mes, que, por um movimento patriótico de verdadeira aspiração popular, a America integralisou-se na forma definitiva do governo republicano, com o advento excepcional e pacifico da Republica no Brasil.

Período aureo, de heroismos, de amor e de paz, de alegrias grandes e de civismos fortes, de confiança e de reformas extraordinarias e adequadas ao meio social, foi sem dúvida, esse saudoso e memoravel periodo do Governo Provisorio.

A todos parecia, que, naquele momento, com a Republica e sob a acção directa de um governo dictatorial, o Brasil despojava-se de seu polido immenso de todas as reformas necessarias, de todos os progressos, de todas as riquezas e que devia gozar indeludivelmente a ventura soberana de uma felicidade completa e continua.

Approxima-sea constituinte, a situação insustentavel, sempre continuando a inspirar confiança, a crença na estabilidade e perpetuidade do novo regime se avigora cada vez mais nos espiritos, manifestando a população se mantem firme, todos os resentimentos são abafados e o pacto fundamental é discutido e votado num verdadeiro plenário de alegrias geras.

Assim passaram-se os primeiros dias da Republica no Brasil até 21 de Fevereiro de 1891.

Um facto, porém, com intensidade brutal, inesperadamente surge de chofre, fulminando o patriótico e dedicado de muitos, a confiança de todos, verdadeiramente convulsionando toda essa grandiosa evolução de paz e de amor.

O golpe de Estado, traiçoeiramente desferido sobre a constituição pelo primeiro governo constitucional, não tem outra significação.

Consequencia fatal desse dualismo dynámico que regulariza ou é presente a toda evolução do homem e cujo segundo termo — a reacção — perfeitamente define aquelle phenomeno na historia da Republica. Para muitos elle transformou-se na causa principal e eficiente de todos os transcorrentes politico-administrativos posteriores, le-

vando a Republica a extremos de defeza e de ataques, ora contra a caudilhagem politica armada e audaz, ora contra uma serie extraordinaria de especuladores de toda procedencia.

E' provavel, porém, que o historiador no futuro, averiguando bem a historia destes tempos, possa ainda constatar que, não se aquelle golpe de Estado, mas também ao facto singular do proprio advento pacifico da Republica no Brasil, se deve todo o periodo de derrota ou de dissolução geral da maioria dos governos brasileiros, quer estaduais quer federaes, e os quizes, com rarissimas excepções, sendo a maior a de Floriano Peixoto, bem podem ser questionados de ineptos e de desonestos.

Fassim deve ser, porque não se pode fazer a injuria de supor-se que o povo brasileiro seja realmente o autor ou causador dos desastres e infortúnios da Republica.

O povo precisa prevenir-se e precaver-se.

Balancando-se verdadeiramente o momento republicano que atravessamos, o espirito fica contrangido e panno deante do estado geral da Republica. O patriota sincero revolto-se contra o proprio regime, contra a virilidade enfraquecida desse povo, que, parece já perdeu a consciencia de seus destinos, da força de suas aspirações.

E' que o que está ahí feito e praticado, certamente a Republica dos legendarios de 15 de Novembro de 89, nem mesmo daquelle memoravel governo Provisorio.

O que está ahí feito e praticado é a Republica racista e desmoralizada de uma media duzia de especuladores, transformados hoje em todo Bril em régulos, supremos oligarchas, fraudulentamente aboletados nos primeiros postos dos diversos governos, e que vivem a empobrecer e a empobrecer os Estados e a Nação nas malhas de ferro de um mercantilismo destruido e sordido.

Urge fazer-se a Republica de novo, disse ultimamente o Sr. Presidente de Moraes. Conscientemente o *O Caboclo* adopta esse pensamento do illustre paulista.

Precisamos de um novo Messias, que, armado das indignações das coleras de toda uma raça e de um povo totalmente enganado e sacrificado, espulse a golpes de patriotismo e de honestidade do grandioso templo da Patria os miseraveis vendilhões da Republica.

"O Caboclo," commemorando a grande data de 15 de Novembro, não o podia fazer senão mediante estes votos de sincero patriotismo.

Mas ainda, sendo mediante a transcrição em suas columnas, e salvo diminutas restricções mentes, do artigo vibrante de patriotismo e de saber, de Americo Werneck, o mestre insigne, o patriota eminente.

Ecl-o:

E' TARDE

Ninguém de certo contestará que na Agricultura estão as fundações da nossa riqueza, a base geral dos orçamentos, o ponto de partida das transações, as origens mais opulentas do commercio, as fontes do credito, as geratrizes da força que movimenta toda a vida nacional, desde os orgãos da produção até osapparelhos de defeza e resistência.

A Agricultura está para o corpo social como a circulação do sangue para o corpo humano. A menor perturbação prejudica o systema e affecta, conforme sua extensão e gravidade, as mais reconditas cellulas do organismo.

Ainda mesmo nas constituições debeis, a saúde pôde existir, porque a saúde é um estado de equilibrio no funcionamento das peças do apparelho vital. Estamos nesse caso. Somos incontestavelmente um povo fraco; o nosso progresso, a nossa potencia economica, a nossa força militar não correspondem de forma alguma ao algarismo da população e aos recursos com que a natureza nos dotou. Todavia, se a Agricultura em todos os seus ramos não estivesse atravessando uma crise pavorosa, se ella remunerasse o capital e fornecesse ao mecanismo das transações os elementos

compensadores dos nossos gastos inter-nacionais, poderíamos gozar de uma felicidade relativa e encerrar o futuro com certa confiança, livres das agitações politicas laboradas no seio da miseria, que se estendeu hoje a todas as classes.

Não cancelo finanças consolidadas sobre a decadencia visivel, real, indosculpavel das forças productoras. Indosculpavel, disse eu e disse muito bem. Provindo a crise agricola da superabundancia do braco e capitais concentrados na exploração de poucos generos, parece claro que a situação não pôde melhorar, enquanto não forem abertos mercados a novos productos, em ordem a derivar para estes o excoeso das actividades, que hoje contribuem para a perpetuação dos baixos preços.

Dir-me-ão: nada impede que os proprietarios agricolas, consultando as necessidades do consumo, se entrem em outros ramos de produção; esse expediente depende exclusivamente de sua iniciativa; não cabe ao governo intervir nessa luta subornada ao criterio individual e as leis do interesse de que são un: os juizes os productores.

A primeira vista o argumento procede. A verdade, porém, é que os proprietarios, podendo abastecer o paiz de inúmeros artigos de seu consumo, não sabem para onde se voltar, já porque os impostos e tarifas ferro-viarias, decretados pelo governo sem sua audiencia, absorvem os lucros, já porque não é facil deslocar uma corrente commercial estabelecida e monopolizada por importadores estrangeiros. Sob a ameaça da concorrência, não ha recursos de que estes não lancem mão para desaminar o produtor nacional ante a por'ectiva de prejuizos certos e constantes. O golpe é seguro n'um paiz pobre, onde o capital offerece fraca resistencia aos revozes.

Al governar, senhor da situação, ao governo, que do facto tem intervindo com medidas de hostilidade, compete remover as difficuldades, deixando de tributar as industrias incipientes, decretando premios aos maiores ou melhores productores, reduzindo os fretes de transportes e manejando habilmente as tarifas da alfandega. Quem dispõe de taes meios, de sua acção privativa, não tem licença de cruzar os bracos, chamar-se a ignorancia, julgar-se incompetente, censurar os lavradores e acolher-se commodamente á sombra do indifferetismo fatalista; ao contrario, tem uma responsabilidade directa na solução das crises, visto que uma parte d'essa solução depende de suas providencias oportunistas.

A politica republicana, na sua mania do descentralisar todos os serviços sem conservar o dogma de unidade, indispensavel a existencia da União, confiou aos governadores dos Estados a solução destas questões essenciaes á boa marcha da administração financeira.

Na realidade, o ministro da viação, que devia superintender os trabalhos de agricultura em todo o paiz, pouca ingerencia tem de facto em semelhantes assumptos; a Constituição restringiu a tal ponto sua esphera de acção, que lhe tirou a responsabilidade immediata na direcção do mais importante ramo de sua pasta. Ora, essa restricção — o poder federal, quebrando a solidariedade dos planos dirigentes com sacrificio do desenvolvimento economico, estreitamente ligado á consolidação das finanças, dá uma medida exacta das theorias falsas que presidiram a elaboração do pacto fundamental.

Dispersou-se a unidade administrativa na pluralidade das soberanias estaduais, subordinando o paiz aos conflitos de escolas, ás contingencias da politica, ás paixões dos partidos, ás represalias in-

dustrias e, finalmente, aos interesses egoisticos e acanhados das patrias ridiculas em que os Estados se arvoraram em detrimento da unica Patria verdadeira.

Ao mesmo tempo que se despojava de suas funções para crear instrumentos incompletos, a União conservava no manejo das tarifas aduaneiras a chave do problema economico. Consequentemente os governadores, collocados na dependencia do ministro da fazenda, cada qual com programma, differente, quando o tem, destroem a acção um dos outros, contrariando quasi sempre a administração federal.

Quer isto dizer que a Constituição, repartido entre os Estados a competencia para a direcção do movimento agricola e industrial, tirou da União essa arma poderosa e caçadora por não dahi-a a ninguém. Tannha liberalidade só produziu indigentes e o presidente da Republica, ficou sob a tutela dos governadores, e estes ficaram á mercê do ministro da fazenda. Uma ballardi infernal.

Custuma-se comparar o Estado a uma nau lançada aos mares da politica, exposta aos ventos das paixões, ás correntes dos partidos, nos escolhos das crises, ás solidões da equipagem, a incendios, a ciladas, tempestades a perigos de todo o genero, que de repente por um erro de manobra ou falta de previsão podem sepultar no abysmo.

E' preciso que o capitão, responsavel pela sorte do navio, não divida sua autoridade pelos subalternos, conserve intacta a supremacia do commando, fiscalise o piloto, mantenha a disciplina a bordo, enfique na mão os fios do governo, os laços de obediencia, os fios de subordinação que vão do immediato ao ultimo marinheiro; finalmente é mister que sua autoridade incontestavel, reconhecida, respeitada, presida ao cumprimento das ordens, á direcção dos serviços, á execução das manobras, á distribuição enfim dos castigos e recompensas.

Dessa harmonia depende o destino de todos.

Imagine-se agora que o capitão, por um capricho da fantasia, resolvesse dividir sua autoridade pelos subalternos, dando a cada um independencia de acção no circulo de suas attribuições, destraindo a unidade do commando e conservando unicamente as honras do posto; imagine-se que elle fizesse do immediato do piloto, do machista, da marinheiro outras tantas entidades autonomas, destinadas de logo entre si, em aspecto da frotagem como a nossa, em que o presidente da Republica não pôde intervir nos Estados, nem os Estados nos municípios, nem os municípios nos districts, o é facil conceber a sorte dessa embarcação, atirada no labyrintho dos parcos, sob o regimen da anarquia.

Ninguém contenda unidade com unitarismo. Conservando a descentralização administrativa, sua maior ampliação, quero a unidade na federação; mas a unidade federação sem unidade, a um conjunto sem harmonia, a um organismo sem solidariedade, a uma reunião de peçenhas trais, ridiculas, fragmentos da grande e unica patria esphacelada pela explosão da bomba revolucionaria, é a profecia e qualquer regimen regular. O mal seria sempre menor. Vale mais torum ideal por adversidade que viver no inferno da anarquia, assistindo ao desmoronamento do paiz, facto real, invisivel somente para os idolatras de um systema viscoso, qua longa experiencia já condemnou no tribunal da opinião. A unidade é o unico accordo da constituição politica do Rio Grande; ali ha um systema.

A logica brutal dos conhecimentos não se subordina ás theorias politicas e convicções individuais; por mais que insistam em considerar a nação forte, ou mar-

cha desasombrada para seus altos destinos, o povo assediado pela fome, explorado em sua miséria por um regime fiscal draconiano, torturado pelo sofrimento, privado do voto, despido de recursos, alijado, framente, enfraquecido, interroga o futuro, perde a fé nas instituições e consulta o instinto da defesa, a espera do menor pretexto para acudir a carga e procurar um termo à sua situação dolorosa.

Patente o contraste do pensamento dirigente com o sentimento das massas, o combate dessas forças há de vir fatalmente como um desenrolar da contenda no seu período agudo.

Com sua força irresistível os acontecimentos nos collocaram entre o renascimento da revisão constitucional e a revolução, que será o ultimo appello das vitórias, a suprema esperança das massas indifferentes às formas de governo e aos oratórios dos partidos. Dos partidos? Respondo-me a palavra: não os vejo, não os reconheço na sua necessidade politica. Exceto a festa do Rio Grande do Sul, onde entra a influencia dominadora e legitima do Juiz de Castilhos, vejo por toda a parte grupos de gente de ocasião, formados das ruínas uns dos outros, reconstituindo-se em torno do poder que decide das candidaturas.

As opposições neste regime têm invencívelmente a natureza dos reflexos peritos e firmes dos governantes que dirigem as eleições num momento dado, e que, apesados do poder, não dispõem de um districto para suffragar seus nomes.

É a história da Republica: vasta nebulosa onde a reacção dos eleitos sepulta na villa commum os chefes que os elegeram.

A essas lutas pessoais não tem presidido uma idea ou divergencia de doutrina: são exclusivamente das incompatibilidades individuais ha nascido as organizações oppositoras, que se dissolvem no choque dos interesses contrariados, até que um novo sol nasce os divergentes no calor de seus raios, numa expansão de sentimentos e desejos unânimes.

Um espectáculo indolente.

Quem está em no passado a origem dessa decomposição moral. O Governo Provisorio, que tantos serviços prestou no torçao das reformas, commetteu o grave erro de sancionar o regulamento eleitoral que legitimou a fraude, incorporou a definitivamente aos nossos habitos.

Desde então o suffragio universal, falsificado pelos processos de qualificação, pôz a disposição dos instrumentos do poder a grande maioria dos analfabetos, cuja irresponsabilidade, habilmente explorada, suffoca as manifestações da minoria pensante; desde então desapareceram os conselhos das urnas e as empenhadas dos princípios; desde então tornou-se impossível por falta de garantias a organização de partidos regulares; desde então não tivemos representação popular, a começar pelo Constituinte, vasto assembly de designados, em cujo seio haviam apodreado os nossos propagandistas, crebriamente de lançar os alaridos das instituições, como se o espirito regimem pudesse de repente identificar-se com as ideias de uma escola radicalmente adversa.

Mal collocados nalgelle meio revolucionario e desorientados para elles, sentiram-se reconhecidos a necessidade imperiosa de resgatar o passado, der arrais de sua sinceridade e dissipar as suspensas com que eram naturalmente acobertados.

Viu-se então um phenomeno curioso. Quando se tratava de corporisar em leis as doutrinas mais importantes do credo radical, os adherentes, logo de exercer uma influencia moderadora na direcção dos debates, como era de esperar de sua educação tradicionalmente conservadora, sobrepujavam com a audacia de suas ideias e fidelidade dos proprios repulblicas historicos. Eram, não querendo dizer mais, os impulsos da facção radical, e foi assim que, não obstante a resistencia de Ruy Barbosa, desfez-se a União de todas as garantias, de todos

os appparelhos de segurança, de todas as fontes de prestigio, e levou-se a autonomia dos Estados e municipios até a confusão com a independencia de povos soberanos.

Era demais. Pronunciado o pacto federal, tive um arripio de pavor a consciencia de meus sentimentos retrogradados. Eu estava muito aquém da reforma, e disso não fiz mysterio. Em 1893 sob o titulo — *Visão da organização republicana* — fiz a critica da Constituição, salientando as disposições incompatíveis com um regime de ordem e prosperidade. Já nessa epocha eu sustentava que os desastres de uma administração anormal, sem unidade de visões, e farras com grande escandalo dos meus correligionarios este fatal dilemma: ou enfiava-se a revisão quanto antes ou acordávamos tarde no alívio da ban-eirra. Dahi para cá, em escriptos successivos, no curso da crise, e especialmente na — *Reforma do sistema tributario* — insisti sobre o assumpto, seguiu os acontecimentos, multiplicava os exemplos, apontava factos, e significava erros e chamava a attenção do governo para a trilha perigosa a que a Constituição nos arrastava.

Minha voz perdese entre as delicias do novado politico e os protestos dos exaltados. Não queriam ver, appellavam para o futuro, não admitiam defectos na sua obra, desajavam convencer-se do mal quando este houvesse chegado ás ultimas consequências de um desastre irremediavel.

Hoje, tarde e a mais horas, apoiada nas phenomenos sociais que na autoridade dos publicistas, surge a idea da revisão, pretendendo descobrir no regime parlamentar o especifico para a cura do nosso organismo deteriorado.

É ver muito pela superficie. O presidencialismo accusado de promover a desordem é uma simples formula, um incidente da molestia, quando muito, um processo cuja substituição não altera a essência das coisas.

É questo secundaria, uma these a discutir, um meio escolhido para o exercicio da autoridade suprema.

Um não está propriamente ali: reside em todo o sistema, está na falta de unidade administrativa, na falta de unidade politica, na falta de unidade legislativa, na falta de unidade de direito, na falta de unidade financeira, na falta de unidade de força, na falta de unidade de governo, na supressão de dolo que subordina as autonomias locais a soberania do poder petrio, no abuso da independencia, na divisão defeituosa das rendas, na taxação cumulativa, na má distribuição das competencias, na anarquia dos impostos, na criação das patrias estaduais, na omnipotencia dos municipios, nos conflitos de jurisdicção, na invasão dos poderes entre si, na ausencia de tribunais que fiscalisem a legalidade do impositivo, nas fiscalis commercaes intestinas, na fedição de corpos dispersos, no roubo do da solidariedade administrativa e na impossibilidade de um programma geral; mais, manifestase em todos os pontos: nas arcações, nos museos, nos orgãos, no sangue, nas fontes da vida.

Não temos um systema politico, porque um systema pressupõe unidade, e a unidade não existe.

Em tais condições, vigora o regimen presidencial ou o regimen parlamentar, as coisas continuaram no mesmo pó. De passagem advirto que o presidencialismo nos Estados Unidos encontrou bem terreno na Constituição, nos costumes e na orientação pratica dos homens de Estado. Na America do Norte o livre-cambio interno é um principio basico, um dogma que se não discute; entre nós tribuna-se a produção e ainda se lê pela velha cartilha das finanças portuguezas, onde conservam lugar de honra os impostos sobre a exportação e sobre o trabalho, tributos esses que em todo o mundo civilizado não são substituídos por premios, favores e medidas de protecção ao capital; o fisco vai buscar a outras fontes.

Voltemos ao ponto.

Em vez de fundamentarmos a revisão

em, desviou-se a discussão para um terreno irreal, e rebatizou-se o governo dos Estados a categoria de uma corja de ladrões entregues a pillagem. Se o mal está ali; se a degradação, o cynismo e a decomposição dos caracteres atingiram esse limite extremo, o remedio não está na revisão, está na restauração da monarchia. Qualquer outra concessão, que não seja a reacção violenta do patriotismo, no sentido de subverter pela base uma instituição que produzia tais consequências, é illogica e absurda.

Rejeitamos-a? E' mister então modificar as premissas. Na verdade, o simples regimen de gabinete não corrigiria os crimes dos governos locais, abroquelados na sua autonomia; seria preciso penetrar mais fundo na reforma, atacar o mal nas suas origens, mudar a base, destruir o covis para desalojar as quadrilhas.

Discordando dos argumentos, entendo que a revisão se impõe por outros motivos, de ordem fundamental, com quanto não acredite nos beneficios de uma solução pratica, e não acredito porque a molestia existia antes do mal e os meios assistenciais não se convenceram ainda de sua gravidade.

Havemos de chegar ao fim. O fim é a supprta da evada pelo odio de todas as classes sociais.

Efectivamente, se o mal está, como dizem, nas oligarchias que empolgaram os Estados o suffragio em proveito de suas apagações as manifestações da maioria honesta; se, no dizer caustico do sr. Alberto Salles, estamos entregues a syndicates de ladrões, é claro que a revisão, caso fosse accolta, não passaria de uma comedia ridicula e acanhada, mesmo por uma organização mais aperfeiçoada do que a actual.

Efectivamente, constituídos como se acham os poderes estaduais, sendo as eleições feitas e presididas pelos seus syndicates, a Constituinte eleita, participando de suas origens purulentas, seria composta de representantes filitados á moita qua trilha, e portanto incapazes de resistir a qualquer tentativa que visasse por fim vencer seus interesses ou prejudicar seus ambices de grandeza e perpetuidade do dominio.

Não será com essa aggravação de forças que o sr. Alberto Salles ha de dissolver a organização dos bandidos, que, antreheirados nos seus rotas, dominam as alturas, conforme se collige da sua opinião falsa e injusta.

Uma verdade está fóra da questão: o povo está cansado de soffrir as anomalias desse regimen despotico e arbitrario, e quando elle reagir com a energia do desespero, a Republica difficilmente encontrará dedicações para del a lela.

A esse respeito não direi uma palavra mais: profiria clamar no deserto a bradar no choro. No deserto ao menos o cello pôde ainda levantar o grito de socorro; no choro o pensamento perde-se, a esperança não encontra um auxilio, a voz da razão some-se no fragor confuso dessa noite agitada pelo tumulto da loucura. O braço! Quem te salvará do abismo?

(Correio da Manhã de 20 de Agosto de 1901)

Américo Werneck.

Por afflicção de materia deixamos de publicar neste numero não só o folhetim — *Historia do Grande Jacques*, como ainda artigo sobre assumpto de muita gravidade que, affectando a liberdade do pensamento, nos affecta muito especialmente.

"O Caboclo," não devolveu a assignatura acccita.

Foi de justa festa no lar do sr. Mario Moreira o dia 11 do corrente, que marcou o nascimento do sua primeira filha. Aos pais e amigos nossas felicitações.

Acha-se de volta de sua viagem a S. Paulo, o illustrado vigário desta freguesia o sr. Luiz Soriano. O Caboclo o o cumprimenta.

ODE...SAPHICA

Manifretogoverno sempre faz.
O que este está fazendo o sempre fez:
Desconheva assim, a deus por tres...
E a tres por dons é muito mais enpaiz!

Out'ora parecia um hora rajaz.
Mas, quando se viu chefe de uma vez,
Desmantelou a terra n'um zais tras!
Tal qual um magarefe fez a rex!

Morreo um monumento feito a giz.
Ou cal ou gesso ou tabatinga ou gres,
Iluminado a lanpinaria ou gaz.

Morreo muito mais esse poz!
Com sonetos sem rimas e sem piz.
Promette a musa não deixal-o enpaiz!

Raul.

O CABOCLO

Previamos e de forma alguma estranhámos, o facto do «O Caboclo», instrumento puro e forte de nossos sentimentos, de nosso patriotismo e de nossa vontade, poderoso vehiculo de uma reacção saudavel em meio á ruína e desgraça do presente, *journal pamphlet* como já o chamaram ou mesmo *monstru*, segundo a technologia esotica dos que nos comen os impostos e devotam empastados; previamos que esse formidable latido da luz e de patriotismo fosse irritar os adoradores incondicionaes de sr. Moniz Freire.

Nem por isso perdemos a calma e o animo. Estamos cumprindo um destino e executando uma vontade.

Podem arcar quanta taieria quizerem, já que incapazes de nos infligir derrotas notórias, das ideias e dos principios, preferem atirar na pessoa, de bandeiros francos, sob uma responsabilidade efectiva e inconfundivel, a lanar de todas as injurias e de todos os insultos.

Basta no seu papel, mesmo porque outra não tem sido, em todos os tempos, a logica de governos arrebatados.

Se ao menos transformassem esses insultos e injurias em dinheiro e pagassem aos credores que os aperião, ao funcionalismo, á policia, aos meios transformassem toda aquella vasta inundação em moda e conclusões o montro de ferro e aliviassem a lavoura de tantos impostos e repugnância do Espirito Santo, pelo menos, nas condições da antiga Provincia, de certo modo se explicaria o facto de servirmos de carnica á tão violenta voracidade.

Decididamente não podemos ser discipulos da «*loutria do interesse*».

Tem toda razão o «O Commercio do Espirito Santo», foi esse o nosso primeiro baptismo, baptismo necessario para vida.

No mundo, nenhuma ideia nova, nenhuma invenção ou reforma deixou de receber o «nascor».

O insulto e a injuria, mormente no nosso caso, agem beneficentemente, operam como humus fecundo, e tendem a fazer germinar e expandir mais rapido a propria ideia injustamente repulica, sem exame e sem analyse.

Demais, o homem que é na sociedade portador de uma ideia ou promotor de uma reacção, elle é por uma força impetuosa ao proprio organismo social e como um producto desse meio é elle o instrumento natural e legitimo das ideias, dos sentimentos, das vontades, das dores e afflicções do povo a que pertence, devendo propagal-os e por elles baterse.

A pesada nesse caso só vale como supporte e são organicos e produzem-se e desenvolvem-se as energias do mundo super-organico, mediante aquelles estímulos e suggestões.

Segundo isto, positivamente podemos certificar que o «O Caboclo» não tem outra missão a cumprir e sem desalinhamentos ha de bater-se por aquelles principios e ha de fazer a analyse e a critica dos acontecimentos.

Quanto ao ergão official do Governo, que entende que sobre a terra só existe uma só cartilha para se poder viver, no Espirito-Santo e que todos devem debrar a cerviz e serem adoradores de mesmo propheta, «O Caboclo», não obstante, divergir radicalmente desse ponto de vista, vê tuttavia, n'elles insultos e n'aquellas injurias a mais energica e decidida propaganda de seu programma e de suas ideias.

É a prova final vibrante da necessidade da Republica.

Nada disso teriamos escripto, nem mesmo a proposito da lura com que nos recebeu o ergão official, se não fuisse a gentileza e a abundancia de consideração com que se approveo distinguir

nos «O Commercio do Espírito Santo», singularmente contrastando com aquelle urrar de fera que nos ameaça devorar.

Aqui damos a valiosa epítola de «O Commercio do Espírito Santo». O publico que analyse e aprecie:

«Vao crescendo e medrando prodigiosamente a industria do periodismo em nosso caro torrao.

As sul, surgiram dois ardentes campões. Um dos quozes erguem a sua bandeira com emblemas taquichos, que são a paixão por uma idea, o sincero empenho na realização de um onado programma, poderia claramente explicar. E para acudir-lhe ao primeiro embaite, varios pennas se fignaram da fôrça e de uma longa paz, e foi grande a multidão de apostrophes patrióticas e seccunissimas, com que nos alagaram antigos e novos luctadores. O collega do Sul p. lo ganantissimas que é desconsolado, diz: «vao e porque prisa melharar a nossa sorte, annexando-nos a Minas, com uma franqueza, minucia e abertura, que já hoje são raros neste paiz de servilismo e apoio incondicional. A republica, com ser um regimen de liberdade, trouxe-nos, não sei por que inversão de effeitos, um funesto apressamento em alardizar-nos de nossas opiniões a bem dos seus signatarios, que nunca nos estiveram nos labios em tempos mais obscuros. E os preços de sua cuncta ganharam assim o vicio do impor sua cuncta e seu modo de pensar, por maneira que não ha para se lhes necender a ira angusta como um laivo de ativez, um raso de independencia em um signal de discordancia, em meio ás unanimis acclamações, com que os senda a hasta florestades e ocos de sua «unidade e devotos do seu infallibilismo». Desta arte o hehloimorito rige intrinseco nal sabia das faxas e recebeu o baptismo da opinião, já lhe inserever o nome no tremendo. Indez, los irreversivelmente condemnados a sagrado consólio, graças acua rigorosa prudencia vica magestosa, a nossa apertada theocrazia.

Sabe toda a gente que nos estamos referindo a «O Caboelo», esse vigoroso recém nascido que, apesar do humilde berço do seu nascimento, não tem nada que invejar á melhor imprensa da terra, diz-se com franqueza: «quis quer que seia sua sua libez, não se lhe pode negar ao feito e redação muito gosto, robusta intelligencia e invejavel capacidade.»

Atthas de Jm

NOTÍCIAS MARITIMAS

O paquete «Murphy» sahú d'este porto para o Rio de Janeiro no dia 13.

O paquete «Murphy» chegou a este porto no dia 11 com viagem até a Victoria.

Este paquete sahú do Rio de Janeiro, na sua proxima viagem, a 21, chegando a este porto a 22 com viagem até Caravelhas.

DÍVIDA DO ESTADO

Sob este titulo, temos em diversos jornaes e no «Cachoeiras» de 10 do corrente, a noticia de se haverem accordado o governo federal e sr. P. Rognet, representante do Banco «Paris et Pays-Bas», em aceitar o Estado do Espirito-Santo em salda das diffiduldades em que se encontra.

No mesmo orgão diz ainda um telegrama do Rio: «O «Globo» venceu da dívida do Estado do Espirito-Santo. O Banco Nacional já tem o Estado-salvo para o serviço da dívida a vencer-se em Abril proximo futuro».

Não ha duvida, diante de uma tal noticia somos logados a dar os «Para-bens ao sr. dr. Moniz, damos, ao mesmo tempo, pesames ao Estado».

Para-bens, porque s. ex., por esse modo, ain da poderá mascarar por algum tempo toda uma situação insolvel e perniciosa.

E emquanto dilata-se com as manifestações que recebe por tamanha Africa brasileira, nós, os do «Caboelo», damos sinceros pesames ao Estado pelo mesmo facto e perguntamos:

—Em que condições foi realizado esse novo emprestimo, insustente que clausulas ou sob que imposições?

Realmente, após nove annos de chefia e de governo do sr. dr. Moniz, sob os quaes o Espirito-Santo deu para tudo, tocando hoje a meta pavorosa de uma ruina incutavel e total, s. ex. outro nuncio temem outro espefiente encontra para salvar o Espirito Santo semo essa medida extrema, caipora cetera de contrahir emprestimos para pagar emprestimos e isto ás escancaras, feito sob os auspícios de uma insolvença crônica e terrivel jogado o Estado e o futuro do povo, como aconteceu com o emprestimo jogado

Marcellino, ás fauces vorazes da ciganagem, da ganancia atrevida de mercadores apatacados!

No caminho em que enveredou é tarde já para recuar. Mas s. ex. sabe hoje a que sacrificios, a que decepções, a que vexames, a que duros lances, operações dessa natureza obrigou a um presidente de Estado, principalmente quando este é o do Espirito-Santo.

Mas, em compensação, o povo também sabe que uma operação dessa ordem, tão facilmente feita por s. ex., sob o endosso vexatorio e lesivo do presente e do futuro de toda esta população, pressupõe e implica a necessidade imperiosa de novos vexames, de novos tributos, pesadissimos impostos indefinidamente sobre a lançados.

Pesamos ao Estado, porque, e segundo o «Jornal do Commercio» num de suas «Falias», o deficit capitula cura de nove polir dimbeio, ao verificar-se de futuro o vencimento de outros, e de outros compromissos, sob a ameaça de qual quer outro banco ou potencia.

Não estamos, por ventura, eny-calhados também nos bancos de todos os Paizes?

Sendo assim, segundo o exposto, não houve uma solução, mas um adiamento; logo a situação suffiste a mesma perniciosa, insolvel e agravada em summo grau.

E ao lado de tudo isso, o monstro de ferro, abandonado e desprezado, lá vive a apodrecer, sem mais ter vontade de chegar a Minas.

Desagradada contingencia! Indez Estado!

Atthas de Jm

Vimos no Estado de 2 que foi concedida a licença que pedia o Juiz de Direito em disponibilidade, Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Chaves para continuar a residir fóra do Estado.

ESPIRITO SANTO E MINAS

REPLICA NECESSARIA

(Continuação)

A administração de 92 foi surpreendida por essa mina, que desde então reputou uma califonia inexgotavel e sobre a qual jogou tudo, inventou mil aventuras, architectou esuravagancias sob he estravagancias, permittiu todos os abusos, todos os embajamentos imaginaveis, sacrificou e consumiu todo o nosso credito, para sermos hoje um Estado encaclado e arruinado, um mendigo sem poder na federação, de balde a bater a porta de bancos e syndicatos como meio unico de salvação. Como se emprestimos não osa podessim salvar alguma coisa, como se contrahir dívida para pagar dividas, fosse o melhor remedio que os curamêtos do dia devão applicar-lhe, diante de um debito que de dia para dia avoluma-se, na razão directa da acção de todos os factores contrarios e inversa de todos os factores productivos!

E sou um «degenerado baírrista, que perdeu a melhor occasião de continuar a silencio no seu recolhimento onde far sempre a mesma figura de «deputado federal». Decididamente o deputado José Monjardim está intrigado comitigo. Ao mesmo tempo que pedo-me para ficar silencioso diante da situação deploravel e dolorosa a que elles levão o Estado, diante das queixas e lamenções de todo um povo que sofre o martyrio crucian e terrivel de ter sido implacavelmente espoliado e hoje é intimado a pagar os embajamentos positivos da loucura fiscalista desses ultimos oito annos de governo, condemna-me por não ter feito, como deputado, a mesma figura (de lingua) que elle fez no congresso, e me pro-move a discussão dos factos.

Não, não tendo o talento da sandice e audácia da imbecillidade, repullo a aggressão, mesmo porque ella, resultando bem poderá ir cahir em cheio sobre a maioria da actual representação do Estado nas camaras federaes, simplesmente porque aquellos sephores não tendo feito a mesma figura de lingua como deputado no congresso, não podem deixar de ser considerados, por esta logica, como uns ignorantes e como uns nulos de patrio timo. O que dirá a isso a maioria da representação do Estado?

O ex-recltor do «Autonomista», transformado hoje em um feraz guarda suizo do Dr. Moniz, e na impossibilidade de acudir por esforço e inspiração proprios, defez capaz de innocentar o soberano oligarchia a quem serve, penna confundi-me e emagrar-me publicando atapa-

lhadamente retalhos de mensagens, que são precisamente provas em favor do manifesto, corpo de delicto ou armas formidaveis contra uma serie infinda de erros e abusos governamentais, denuncia victoriosa e terrivel de tudo quanto temos dito sobre o periodo ominoso desses ultimos annos de governo.

Ao deputado pedimos licença para aqui transplantarmos um desses retalhos. — «A escolha do local (refere-se ao quartel) não foi muito feliz, o terreno era pessimo para as fundações, muito peor mesmo do que logo se supposera, de sorte que, antes de terminadas ellas, o custo da obra tinha absorvido mais de metade do orçamento.»

Que administrador é esse, que governo é esse, que tão triste copia dá de si, que não via ou não soube a tempo e a hora providenciar para que aquillo não se consummasse?

(Continúa)

PARTE COMMERCIAL

Cambio no dia 11

A Camara Syndical dos Corretores do Rio de Janeiro, tornou as seguintes cotações:

Sobre Londres	a vista	12 d.
794 1/8	11 61/64 d.	793 1/8
Hamburgo	981 "	983 "
Italia	"	739 "
Portugal	"	533 1/2 "
New York	"	481 1/2 "
Soberanos	"	208 1/2 "

As cotações no dia 11 no Rio de Janeiro foram as seguintes:

6 por 15 kilos	89000 a 88500 rs.
"	82200 a 81500 "
"	78900 a 81000 "

Stock no dia 10 de tarde 656,911

seccas.

«O Caboelo», não devolvido assignatura acceita.

SECÇÃO AGRICOLA

PELA AGRICULTURA

A BATATA

SOLANUM TUBEROSUM

No numero das plantas cultivadas figura em lugar proeminente a batata, por nós chamada impropriamente inglesa, pelo seu valor alimenticio e industrial. Levada da America para a Europa, ella propagou-se, e applicou-se e subdividiu-se em centenas de variedades, pela selecção, pelo trabalho agraudo e o intelligente do homem, constituindo-se o primordial alimento de muitas populações. Encontrada indigena na serra dos Tapas no Rio Grande do Sul pelo dr. Germauo Vert, foi igualmente descoberta á margem do rio das velhas, em Minas, pelo dr. Henrique Vaz; entretanto, o seu cultivo no Brasil é mediocre, pois que não chega nem para o consumo.

Parm avaliarmos quanto a falta de propagação no cultivo d'esta planta prejudica o Paiz, basta saber que, só pela Alfandega do Rio de Janeiro no mez de Maio, importamos da Belgica, França, Gran Bretanha e Portugal. 686,484 kilos, no valor official de Rs. 183,002\$398, que pagaram de directos Rs. 27,459\$860 ou 15%!! Em outros mezes ella subio a muito mais de duzentos contos, estando calculada a importação annual em cerca de dois mil contos, e isto quando a nossa importação tem diminuido nestes ultimos annos.

E' admiravel que nós, que habitamos um paiz em que ella é indigena, não a cultivemos, preferindo importal-a; sobre carregar assim, a não pequena quota em ouro que pagamos ao estrangeiro e que tanta falta nos faz. Quando mesmo! aqui, os lavradores, não quizeram fazer desse tuberculo commercio que seria vantajosissimo, porquanto estamos nós a dois passos do porto de embarque e os possiveis terrenos apropriados para o seu cultivo onde elle se cria e produz admiravelmente, ainda assim devem cultival-o para seu con-

sumo, porque «Como alimento é divididamente apreciado quando associadas com productos animais de uma ou outra especie, sendo por si deliciente em materias constituintes para o fomento da carne; por isso na devida associação parece capaz de ultrapassar todos os outros alimentos vegetaes, exceptuando unicamente o pão como nos diz Luttons Son no livro Informações uteis para o lavrador.

Por qualquer forma que a preparemos, frita, assada, enopada, cozida, em pirão, em pudim tem a vantagem de ser sempre um alimento sã e que quasi nunca enfada.

Escolham os nossos pequenos agricultores um pedaço de terra de um are, isto é um quadrado que tenha 10 metros de cada lado, para principiar, sigam as prescripções que abaixo damos e verificarão a verdade de que aparamos.

São ellas do dr. G. d'Utra e foram publicadas no Boletim do Instituto Agronomico de Campinas.

Damos na integra, para depois fazermos um resumo e observações.

CULTURA RACIONAL DAS BATATAS

Nosso artigo não temes em vista demonstrar a possibilidade da cultura da batata ingleza entre nós, porque o facto já já produzindo uma centena de vezes, sendo sabido que seu cultivo faz-se hoje, cubra em cada ainda muito insignificante, em todas as nossas zonas agricolas, no que é concernente á produção por área dada, sendo a sua colheita annual superior á que se obtem na Europa, onde não se pôde fazer mais de uma por anno, ao mesmo terreno, como aqui; onde se pôde perfeitamente effectuar, pela menos, duas.

Relembramos a batata cultivada, porque a industrial, que tão sondeis progressos tem feito nos ultimos tempos na Europa, entre nós ainda não existe como cultura corrente.

Deixando de lado, por enquanto, a questão da escolha de variedades, prolificas estrangeiras, tomamos somente em consideração o melhoramento dos tuberculos communs, que importamos da Europa, dos Estados Unidos ou Rio da Prata e adoptamos para semente, por meio de processos da cultura que conduzem ao augmento de rendimento, que entre nós pode ser muito maior do que o de 2,509 a 3,000 kilos por hectare, que é ainda, em algumas regiões da França, por exemplo, a colheita media da pequena cultura.

TERRENO E PRODUÇÃO

Com excepção, unicamente, das terras que se mantem constantemente saturadas de humidade ou que são compactas e impermeaveis, em excesso, todos os terrenos, sejam de alluvio, sejam de formação local, e qualquer que seja a sua cor, prestam-se muito ao cultivo da batata, que não é de modo nenhum exigente a respeito da composição do solo, a ponto de soffrer o rendimento alterações bem appreciaveis, se terras de naturezas diversas. A natureza do solo, segundo nossas experiencias, não tem, por si mesma, a importancia do estado de mobilidade e grão de profundidade da terra, que pode ser mais ou menos argilosa ou conter maior ou menor proporção de silica.

O rendimento das colheitas, pois, depende menos da natureza ou composição do solo do que do seu estado de divisão e da espessura da camada lavrada.

As terras argilosas podem produzir tão bem, e tanto, como as mais arenosas.

O de que carece a batata é de solo são, enxuto, profundamente rotado e, sobretudo, muito bem remexido; porque é preciso, para haver augmento de colheita, que a terra fique solta, porosa e permeavel á humidade e a todos os agentes naturaes, de cuja intervenção depende o augmento de produção por planta.

Visto que é assim, é de facil intuição que o lavrador, na execução das lavouras preparatorias deve aforar o arado o mais que for possivel ao solo, rotando-o em todos os sentidos, para dar-lhe aquella especial constituição physica, sem a qual, por mais copiosa que seja qualquer estrumação, não é possivel augmentar os productos.

O trabalho agrario torna mais productivo de batatas o terreno repantado, mais fresco e aquillo que, em taes condições recebe qualquer adubo, dá pela facilidade da diffusão dos elementos fertilizantes, melhor resultado que qualquer outro que receba equal porção do mesmo estrume, mas que não tenha sido bem rotado.

O que acabamos de dizer resulto do estudo comparado que temos feito, cultivando batatas no solo arenoso do Quatzen e no terreno argilloso e compacto de St. Elias.

As lavouras devem ser feitas á profundidade inferior de 0' 25". Com 0' 25" obtem-se resultados ainda mais consideraveis.

É preciso, para cultivar-se a batata com êxito, nas diversas estações, entre nós, que as águas de chuva distribuam-se igualmente pela terra cultivada, de modo a não acumularem-se em uma zona mais do que em outra da mesma área; e para que isso se consiga é necessário e basta que as lavours tenham sido executadas profundamente e que não tenham ficado longos talhões de terra intactos, os quaes dificultariam a circulação da humidade subterranea e, por isso mesmo, cooperariam para o desenvolvimento de mal cryptogamico que infesta frequentemente os batataes, maxime quando se emprega, em terreno mal preparado, adubo de estrocharia insufficientemente curtido ou incompletamente decomposto.

Se pela simples rotatoria do terreno, consegue-se augmentar a produçao, compreendendo-se que, com uma boa composiçao chimica, maior ainda se póde ella tornar.

As lavours bem acabadas dão ás batateiras um desenvolvimento muito regular, ganhando muito como o estado de permeabilidade de frouxidão do solo e systema radicular das batateiras, pois que crescem-se multiplicam mais os tuberculos de cada pé.

Se a natureza physica allia-se a uma boa composiçao chimica no solo nada impede a obtenção de maximos rendimentos.

E tal a influencia do bom preparo do solo nesta cultura: que a questao da estimuçao fica em segundo plano e onde fôr de duvida que a profundidade da lavra e o grau de nobilidade da terraão os factores capitales da productibilidade. Demonstra-o a experiencia aqui e algures realizada.

(Continua)

EDITAL

De ordem do Illm. Sr. Presidente do Governo Municipal d'esta Villa.

Faz-se publico que até o dia 30 do corrente, acceptam-se n'esta secretaria propostas para construcção de um edificio que sirva de casa do Governo Municipal e de cadeia d'esta Villa; devendo o predio medir 14 metros por 10, e constar de deus pavimentos: sendo o primeiro, com 3,80 mts. de altura, construido de pedra e cal, e o andar superior de tijolos, com 4 mts. de altura de conformidade com a respectiva planta do edificio a qual poderá ser examinada pelos srs. proponentes todos os dias uteis de 11 horas da manhã as 3 da tarde, na secretaria deste Governo. As propostas deverão vir em cartas fechadas dirigidas ao Governo Municipal, e nominada d'ellas será accepta sem que o proponente tenha dado bens a hypotheca para garantia do contracto, ou apresentado fiador abonado, a Juizo do mesmo Governo. E para que chegue ao conhecimento de todos e de quem interessar possa, passem-se o presente edital que será publicado pela imprensa e affixado as portas do Governo desta Villa. Secretaria do Governo do Rio Novo em 5 de Novembro de 1901. Eu Eurico Wallersteiu Lucas, secretario que á crevi.

O Secretario
Eurico Wallersteiu Lucas.

e balcão proprios para negocio, e outra, á rua Costa Pereira, n. 4, também assouilhada, coberta de telha, e muito apropriada para familia.

Vende-se tambem um terreno, cercado de forte muro de pedra, muito apropriado para edificação, e em ponto optimo d'esta Villa.

Para tratar-se negocio, dirigir-se ao proprietario Jacques de Lima Soares a rua Municipal, n. 58.

PISA & IRMÃO

Com negocio de fazendas, chapéos, calçados, armarinho, ferragens, louça e molhados, casa fundada em 1885.

Compra-se qualquer partida de café a dinheiro à vista e mais generos do paiz.

Rua Municipal n. 51—Villa de Itapemirim.

ANNUNCIOS

CASA

de Jacques
BRASILEIRA Lima Soares, com op-

timo sortimento de fazendas, calçado, armarinho, molhados, mantimentos, e mais artigos commerciaes de primeira ordem.

Preços muito modicos

Rua Municipal 58,—Villa de Itapemirim.

AFFONSO GAZANI

COM LOJA DE ALFALATE

Rua municipal—Villa de Itapemirim

TRAPICHE COMERCIO

BARRA D'ITAPEMIRIM

Danmas, Moraes & C., agentes commerciaes, recebem á consignação, cafés e outros generos do paiz. E em sua Usina pila café pelo modico preço de 400 rs. por 15 kilos.

CASAS E TERRENO

Vendem-se, por preço muito modico, duas boas casas, nesta Villa: uma, á rua Municipal, n. 4, assoalhada, coberta de telha, muito bem situada, com frente para a praça Visconde do Rio Branco, tendo armação

O Cabocelo

ACCEPTAM-SE PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS, aquellas ao preço de 200 réis por linha, e estes pelo que na occasião fôr convencionado.

Encarrega-se tambem da publicação de jornaes de pequeno formato, folhetos e mais serviços attinentes á arte por preços modicos.

Os pedidos deverão ser dirigidos para a redacção, á rua unicipal, n. 57, n'esta VILLA DE ITAPEMIRIM.

TERRAS Para vender

Manoel da Costa Pinto, negociante no BREJO DOS PATOS DE ITAPEMIRIM, vende diversos terrenos que possue, regulando de 3 a 15 alqueires;

UNS COM CASA E BEMFEITORIAS, OUTROS SEM ELLAS

Situados todos no

BREJO DOS PATOS

e no logar RIO MUQUY

O CABOCLO

E DO ESPÍRITO SANTO.

REDACTORES E PROPRIETARIOS — ATHAYDE JUNIOR E NARCISO ARAUJO

PR. 4711.

ANNO I — N. 5

VILLA DE ITAPEMIRIM, 24 DE NOVEMBRO DE 1901

Redacção: Rua Municipal, N. 57.

ASSIGNATURAS:

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

(-) PAGAMENTO ADIANTADO (-)

— Publicação semanal —

AVISOS ESPECIAES

NARCISO ARAUJO

— ADVOGADO —

Villa de Itapemirim

Dr. JOÃO RICARDO COSTA FILHO — Médico. Aceita chamados a qualquer hora.

BATAM, MAS OIÇAM

Am vocabulário de sargento, em que se absteve a pena impura dos mal educados, nada temer d'aquí que revidar, porque reputamos definitivamente impossível uma reeducação do pejo em faces doutorais em dobras e cynismo.

P. decididamente, propósito nosso o alongar-nos, o mais possível, por uma prophylaxia bem entendida, dos graves e letais capítulos de escoto, com que o famigerado jornal do governo se habituava a fazer as suas manobras de educação.

O que nos impõe estas poucas linhas é o que já aponta, é sabido dentro e fora do Estado: — o limite que traçou ao «O Caboclo», em manifestação do pensamento, o celeberrimo órgão governista que, a acelerado progresso, chegou a caracterizar-se, flagrantemente, na imprensa estadual, pelo tratamento prostituído com que recebe os confrades que os seus distanciar-se, por leaes impugnações, das suas idéas, dos seus sentimentos e das suas acções.

Aquella limite está entalhado nestas palavras arrogantes e destacadadas, directamente atiradas ao «O Caboclo»: — «enquanto tiver ordem de passear pela Villa do Itapemirim.»

Pretende com isso, em tom resolutivo e desencadernado, o forçado contemporneo fazer calar a voz humilde, mas independente, insubornável e honesta que destas columnas falla ao povo, gemendo dos seus perigos, indignando-se sagradamente das suas sagradas indignações?

Estão já preparados, nos intolerantes concilios da gente governista, os artigos venalissimos em nome de quaes se ha de executar a supressão da modesta tribuna antipolitica que não sabe entrar epícticos ao despotismo aminalhado, e ao sabe chamar a prestar contas da sua gestão ao povo soberano e indoltrado?

Pois oia o jornal do governo, que é palavra de honra que d'aquí lhe mandamos: não estamos dispostos a retroceder das suas ameaças, porque estamos resolutos a não abrir mão de um direito, que não é monopolio seu, e sabemos muito bem como é que se ama uma idéa, e se patrocina um apocalypso, e se defende uma propaganda.

Pouco se lhe dá da garantia expressa, dentro da qual agitam um pensamento e aortamos um amor, porque sincera e convictamente os pretendemos radiar, orientados, impolíticos, produções, primicias e redemptores?

Tor ventura a legitimidade do texto está viável na direct constitutional para, na pratica, vir a ser polleida por uma nota de escuridade, com salvaguarda quem abdica e desce, e arregaçar-se torosa, contra as que reivindicam e se não dobram?

Acaso, o principio liberal foi corporificado nas positivas injunções da Lei Suprema, só para dar lugar a fustecencia peca das bouvinhas adu-factórias, e não para o surgimento das discussões, das criticas vigliantes, das debates que orientam, fiscalizando, dos comentarios que admoestam, das interpellações que castigam, das conclusões que condemnam?

Dão de humores os idolatras do administrador impudente, de cujo tipo os ultimos factos vilpentes, com o pretexto de sua incontestada, declararam a mais culpada das fallencias, das de honra

bro, em insolente desdem, quando lhes apontamos o 12 do art. 72 da Constituição Republicana, em virtude do qual estamos, d'aquí, espalhando o nosso pensamento, e semisando a nossa politica?

Pois, si tem de ser assim, desgraçadamente, na querida Republica, que certos incoleres e desanuados estão convertendo num lupanar de consciências, que nos venham com a sua força armada, paga-sabe Deus como! — para assegurar a nossa liberdade, que nos venham com ella, invertida no seu destino, atabalar a corrente livre do nosso pensamento!

Batam, mas oiçam o que d'estas columnas lhes havemos de dizer, até o ultimo instante, a crê e a seio, contra esse estadista nelasto que esbarrou a honra financeira do Estado!

Batam, mas oiçam que não cessaremos, ainda com sacrificio da vida, de exigir iterativamente d'esse dynasta pequenino e perverso que restitua ao Theolro o dinheiro que, durante tres annos de recreio, despendeu em Paris, a rancado ao miserecto de sapé do desgraçado lavrador espirito-santense, a pretexto de uma missão de que até hoje se obstina em não prestar contas ao povo!

Batam, mas oiçam que nos não cançaremos de propalar, nesta tribuna, em outras tribunas, aqui e ali, em conferencias, em cartas, onde quer que nos achemos, escute-nos quem nos escutar, que esse felizizado e vendido, mas não convencido, levou a sua insolencia desrespeitosa dos lemas vigentes ao ponto de querer perpetuar-se no governo, pela advocacia criminosa de uma reeducação!

Batam, mas oiçam que não seremos jamais, vacillantes em ensinar e provar ao povo que pinques arrecadações e empréstimos, por nove annos, fustes, no Estado do Espirito Santo, apenas chegaram para uma kilometros de via-ferrea, um theatrinho, e um miserissimo quartel, que um pantano presentia de emanar pestilencias!

Batam, mas oiçam que nos não arrefecerá jamais a pertinacia em afirmar, porque é verdade irrefutavel e prova provada, que esse presidente fustoso é um dos mais encarniçados directores do syndicato suffocador da liberdade eleitoral!

Batam, mas oiçam que nós havemos de levar ao conhecimento dos republicanos probos do Brazil que esse minerando financeiro, despresando o cumprimento dos seus deveres, sempre furto, systematic e illegalmente, ao exame do poder competente e do povo, a situação do erário, o estado dos negocios administrativos, as condições das operações concluidas!

Batam, mas oiçam que communicaremos, sem treguas, para o centro da politica nacional, que, até hoje, esse governo indecensavel persiste, em não declarar a somma total dos compromissos do Estado, sobrepondo-se, com uma rara ostentação de descauto, ao preceito constitucional imperativo e insepulchavel, até que elle cumpra o seu dever e dê o exemplo do respeito á lei!

Batam, mas oiçam que havemos de clamar, incessantemente, sem rebuços, contra essa pratica bastarda, que dá lugar a mil desconfiças, da unanimidade dos Congressos, conseguida ao preço delictuoso da mutilação dos direitos opoicionistas pela fraude mais acanhalhada que se pôde imaginar!

Batam, mas oiçam que nos não teráo jamais submisos a esse poder corruptor que não educa, mas serviliza; que não eleva, mas amesquinha; que não agita, mas estagna; que não disciplina, mas apassiva; que violenta a discordancia nóbre, porque quer o consenso musulmano; que bane a verdade simplez, porque fore para entronhar a mentira guilardada que envaidece; que apodreja as consciências patricias e acaricia as almas ilotas; que é falso, incoler, illegitimamente ponderado, controverso, ameaçador e exorbitante!

Batam, mas oiçam que, enquanto pudermos, alertaremos, com perseverança, o povo espoliado para que não consinta que esse Shylock lhe venha, gulosamente, arrancar a libra de carne para solver com ella a dívida monstruosa, filha de loucuras insensatas, de imprudencias inclassificaveis, de volupias sem nome!

Batam, mas oiçam que não deixaremos o povo esquecer, que, deante de uma clausula positiva, crystallina no seu significado, como é a clausula

undecima do contracto com o Banco de Paris e Paizes Baixos, esse presidente chicanou, sabendo que a chicana, em caso tal, era uma vilta viscida apposta ao nosso brio, cuspidu em nossa honra, alli claramente empenhados para não poderem trapacciar nem retroceder!

Batam, mas oiçam que das penas responsaveis, que aqui escrevem, ha de partir, repetida e inter-giversavel, a condemnação flammeante e violenta d'esse rufador do credito estadual, d'esse politico nado que, buscando para si, egoisticamente, o conforto seductor das posições faustosas, alçou contra si, na miseria de cada lar agricultor, um gemido, capaz de apunhalar penhascas e faz-las chorar!

Batam, mas oiçam que nós nos acabaremos pela furia das violencias assassinas, mas só acabaremos, na ultima sacudida da nossa revolta patriótica e honrada, peido ao povo a vingança das nossas vidas, si a tanto chegar a caduca rancorosa, na vida d'esse oligarcha vaidoso e intellecto que não merece o amor do povo patriota, pelo despreso que ostenta, da sua soberania, da soberania hoje sagrada pelo baptismo de uma das legitimas!

Batam, mas oiçam que, enquanto houver um resto devoz nesta casa, havemos de empenhar-nos para libertar o Estado de uma condição degradante que jurgurta, infallivelmente, acharia muito apropriada para receber a sua famosa phrase comburent e anavalhante!

AMEAÇA DE SUPPRESSÃO

Depois da ameaça do celeberrimo jornal governista, praças de policia, aqui e ali, chegaram, convergiram a passar com insistencia em nossa porta, a ficar muito a nossa typographia, em tom tão proposital que parecia indicar que viam dar execução áquella ameaça. De prompto, tomamos as providencias, que o momento exigia, dirigimo-nos ao Delegado da policia em exercicio, e transmiti-mo o facto nos nossos illustros collegas do «Commercio» da Victoria, e do «O Paiz» da Capital Federal. Aqui estamos pamos os telegrammas que lhes dirigimos:

REDAÇÃO DO COMMERCIO
VICTORIA

Jornal official 2 nos ameaça — «enquanto tiver ordem do passear pela Villa de Itapemirim».

Praças aqui chegaram espionam o «O Caboclo». Faltam garantias officiaes cumpriremos nosso dever.

REDAÇÃO PAIZ

Rio

Jornal official 2 nos ameaça — «enquanto tiver ordem do passear pela Villa de Itapemirim» — Praças aqui chegaram espionam o «O Caboclo».

Sabendo cumprir nosso dever, todavia avisamos governo federal falta garantias estaduais.

Dêrão-nos a honra de suas visitas os cidadãos José Sebastião da Rocha Tavares, de Benevente, Hugo Michaud, fazendeiro neste Municipio, e João Emilio da Fonseca Bahiense, negociante na Villa do Rio Novo. A todos nossos agradecimentos.

ESTADO DE MINAS

Lemos nas Varias do «Jornal do Commercio» de 12: Por carta que graciosamente nos dirigiu o sr. P. Regnet, representante da Banque de Paris et Pays Bas, nesta praça, sabemos que o Estado de Minas Geraes já entregou ao mesmo banco a importância total do empréstimo para pagar da dívida do Estado, a 15 de Janeiro proximo.

O Caboclo não devolveu assignatura aceita.

A PROPOSITO DE BOATCS

Sob o titulo — *Uma vergonha!* o «Jornal do Brasil» de 10 do corrente publicou uma editorial, no qual esse diario diz, a proposito de boatas vergonhosas e alarmantes, que o governo federal só fez o empréstimo ao Estado sob a ameaça de um golpe de força da esquadra franceza no porto do Rio de Janeiro.

O «Correio da Manhã», jornal cujo redactor chefe tem as boas graças do Presidente deste Estado, desmentindo aquelles boatas, escreveu o seguinte, sob o titulo: —

FELIZMENTE É FALSO

E' absolutamente destituído de fundamento o boato de que a França, por intermedio de sua legação, tenha ameaçado o governo brasileiro de uma demonstração naval, caso não fosse immediatamente pago o empréstimo da dívida do Estado do Espirito Santo.

O que a esse respeito se passou com nuncios ao publico, ante-hontem no artigo sob o titulo *Rico e Insolavel*.

O ministro francez proenou o sr. presidente da Republica o amistosamento pediu-lhe sua intervenção no sentido de ser feito o pagamento d'aquelle empréstimo.

O sr. presidente da Republica prometteu auxiliar o governo do Estado do Espirito Santo, cujo governador foi chamado com urgencia a esta capital, onde ainda se acha actualmente.

A resolução do sr. presidente da Republica, a principio, encontrou opposição por parte do sr. ministro da fazenda, mas este afinal cedeu e o governo da União emprestou aquelle Estado a somma de que elle carecia para fazer o pagamento reclamado. Esta somma foi depositada no Banco Nacional Brasileiro.

A União não pôde nem deve responder pelas dividas dos Estados: mas não está livre de soffrer vexames ou ameaças do estrangeiro, por causa de taes dividas. Moralmente ella é responsavel por essas dividas.

Campe, pois, que o Congresso, quanto antes, no interesse da soberania nacional, promulgue uma lei que proteja a União contra as consequências funestas que nos podem advir da facilidade ampla que tem os Estados do contrahir empréstimos ao estrangeiro.

O principio universal de direito é que os bons do deverem responder por suas dividas.

Por força desse principio continuando os abusos que se dão pelos Estados, não nos será surpresa si, qualquer dia o estrangeiro quizer tomar conta de um Estado da União, por pagamento de dividas.

Nestas occasiões de que o governo e o Congresso deveriam pensar, em logar de andarem se consumindo em luctas estereis, quando não estão cuidando de patotas e roubalheiras, como por exemplo, esta da farinha de trigo, em que estão mettidos altos figurantes da politica.

«O Caboclo», não devolveu assignatura aceita.

Ha já bastantes dias guardão o leito, por enfermos, os cidadãos, residentes nesta Villa, Antonio Hautquist e Bernardino Carancho.

Fazemos votos pelo prompto restabelecimento dos enfermos.

Consociam-se, sexta-feira, nesta Villa, o sr. Alvaro Martins Carancho e a senhora Joanna Maria Gomes.

Nossos sinceros parabens.

ESPÍRITO SANTO

O O CABOCLLO com o seu programma veiu

sob o perigo imminente de ser violado pelo Município do Rio Novo, a sua posse até hoje incontestada; perigo tanto mais evidente quanto se acha o Supplicante apoiado em um doc. dos poderes encarregados de fazerem as leis, o por isso requer a V. Exa. seja expedido mandado de manutenção de posse em favor do Supplicante, citado o Governo Municipal do Rio Novo, na pessoa de seu Presidente, para que não realice ameaça de tular a posse do Supplicante sob pena de pagar a quantia de 2.500\$000 mil reis, no caso de contravenção, e citado ainda para na primeira audiência, depois de decorrido o prazo da lei, vir a juízo ver accusar audiência ou citação e acompanhar a presente acção summaria de manutenção de posse, até a final sentença e mantendo o Supplicante na posse do território referido. E como o Supplicante tem sede em Comarca de jurisdição diversa, vem requerer a V. Exa. que expeda precatoria citatoria para a Comarca de Itapemirim na forma requerida, tudo na forma da lei.

O Supplicante dá valor a causa em 5.000\$000 com todos os protestos.

P. deferimento.

Anchieta, 9 de Novembro de 1901.

O advogado

Antonio José Alves da Silva

Esta petição foi indeferida, e o advogado recorreu para a Corte de Justiça do Estado.

EDITAL

De ordem do Ilm. Sr. Presidente do Governo Municipal d'esta Villa.
Faz-se publico que até o dia 30 do corrente, aceitam-se n'esta secretaria propostas para construção de um edificio que sirva de casa do Governo Municipal e de cadeia d'esta Villa; devendo o predio medir 14 metros por 10, e constar de dois pavimentos: sendo o primeiro, com 3,80 mts. de altura, construido de pedra e cal, e o andar superior de tijolos, com 4 mts. de altura de conformidade com a respectiva planta do edificio a qual poderá ser examinada pelos srs. proponentes todos os dias uteis de 11 horas da manhã as 3 da tarde, na secretaria deste Governo. As propostas deveram vir em cartas fechadas dirigidas ao Governo Municipal, e nenhuma d'ellas será aceita sem que o proponente tenha dado bens á hypotheca para garantia do contracto, ou apresentado fiador abonado, a Juizo do mesmo Governo. E para que chegue ao conhecimento de todos e de quem interessar possa, passou-se o presente edital que será publicado pela imprensa e affixado nas portas do Governo desta Villa. Secretaria do Governo do Rio Novo em 5 de Novembro de 1901. Eu Eurico Wallersteijn Lucas, secretario que á escrevi.

O Secretario

Eurico Wallersteijn Lucas.

TRAPICHE COMMERCIO

BARRA D'ITAPEMIRIM

Daumas, Moraes & C., agentes commerciaes, recebem á consignação, cafés e outros generos do paiz. E em sua Usina pila café pelo modico preço de 400 rs. por 15 kilos.

TERRAS Para vender

Manoel da Costa Pinto, negociante no BREJO DOS PATOS DE ITAPEMIRIM, vende diversos terrenos que possui, regulando de 3 a 15 alqueires;

UNS COM CASA E BENFEITORIAS, OUTROS SEM ELLAS

Situados todos no

BREJO DOS PATOS

e no lugar RIO MUQUY

CASAS E TERRENO

Vendem-se, por preço muito modico, duas boas casas, nesta Villa: uma, á rua Municipal, n. 4, assoalhada, coberta de telha, muito bem situada, com frente para a praça Visconde do Rio Branco, tendo armação e balcão próprios para negocio, e outra, á rua Costa Pereira, n. 4, também assoalhada, coberta de telha, e muito apropriada para familia.

Vende-se também um terreno, cercado de forte muro de pedra, muito apropriado para edificação, e em ponto optimo d'esta Villa.

Para tratar-se negocio, dirigir-se ao proprietario Jacques de Lima, Soares a rua Municipal, n. 58.

PISA & IRMÃO

Com negocio de fazendas, chapéos, calçados, armarinho, ferragens, louça e molhados, casa fundada em 1885.

Compra-se qualquer partida de café a dinheiro á vista e mais generos do paiz.

Rua Municipal n. 51—Villa de Itapemirim.

ANNUNCIOS

O Cabocelo

ACCEITAM-SE PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS, aquellas ao preço de 200 réis por linha, e estes pelo que na occasião for convencionado.

Encarrega-se também da publicação de jornaes de Pequeno formato, folhetos e mais serviços attinentes á arte por preços modicos.

Os pedidos deverão ser dirigidos para a redacção, á rua Municipal, n. 57, n'esta VILLA DE ITAPEMIRIM.

CASA

de Jacques
BRASILEIRA Lima Soares, com op-

timo sortimento de fazendas, calçado, armarinho, molhados, mantimentos, e mais artigos commerciaes de primeira ordem.

Preços muito modicos

Rua Municipal 58,—Villa de Itapemirim.

AFFONSO GAZANI

COM LOJA DE ALFAIATE

Rua municipal—Villa de Itapemirim